

OS INDÍGENAS DO BRASIL  
perante a história

MEMÓRIA  
oferecida

AO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO ETNOGRÁFICO DO BRASIL.  
EM 1859.

## OS INDÍGENAS DO BRASIL perante a história

### MEMÓRIA

#### I.

Os documentos escritos sobre os indígenas do Brasil devem ser julgados pela crítica e não, aceitos cegamente.

Quando no estudo da história, religião, usos e costumes de um povo vencido e subjugado outros documentos não temos além das crônicas e relações dos conquistadores, sempre empenhados em todos os tempos a glorificar seus atos com aparências de justiça e a denegrir as suas vítimas com imputações de todos os gêneros, engano fora se cuidássemos achar a verdade e os fatos expostos com sincera imparcialidade e devidamente interpretados.

Essa verdade estreme não ressalta a maior parte das vezes nem mesmo nas páginas dos historiadores nacionais dos povos mais cultos, os quais, contaminados do espírito de partido, ou se deixam seduzir por teorias a priori e por elas julgam os acontecimentos, amoldando-os a sua feição; ou por eles impressionados apaixonadamente sentenciam, sem mais indagar e pesar as causas que os produziram. Do mesmo modo desfiguram as crenças e infamam os usos e costumes estranhos, sendo que de ordinário só nos parecem razoáveis os nossos.

Se livres de qualquer preconceito, só pondo a mira na verdade, lemos atentamente a história de qualquer nação estrangeira e seguimos a filiação lógica e natural dos sucessos, bem como o espírito das reflexões

dos escritores, à vista mesmo dos fatos expostos presumimos às vezes razões ocultas e formulamos juízos bem diversos dos que lemos. A história, tal como os homens a escrevem, é o mais das vezes como um processo pleiteado por interesses contrários, que varia de arrazoado segundo o intento e a dialética dos advogados, e tanto pode claudicar o historiador nas suas reflexões e interpretações, como na exposição dos fatos. Para que estes sejam compreendidos e falem por si mesmos, carecem de todas as suas circunstâncias; e uma só omitida por descuido, ignorância ou malícia, errado irá o raciocínio, injusta e falsa, a conclusão.

Se fôssemos julgar das virtudes do Cristianismo pelas diatribes dos adoradores de falsos deuses, daríamos razão ao politeísmo; mas não nos esqueçamos que os vencedores querem ter toda a razão do seu lado, mesmo quando levantam fogueiras; e o historiador é um juiz reto e não, o panegirista<sup>i</sup> da vitória a todo custo.

Quando pois se nos apresentam documentos vários, provenientes de um só lado, cumpre-nos procurar a verdade pela crítica e por um método indireto, notando sempre as contradições, como fazem os juízes no acareamento das testemunhas; cingir-nos aos fatos principais em que todos estão de acordo; desviar reflexões e epítetos afrontosos e admitir como verdade todo o bem que dizem do inimigo. As acusações que mutuamente se fazem os de um mesmo lado, divididos por interesses contrários, justificam o terceiro sem voz para defender-se e são para o historiador sincero novas fontes de verdade.

Não estamos nós vendo como se escreve a história contemporânea? Como se alteram os fatos passados debaixo dos nossos olhos? Se pois os partidos políticos de uma mesma nação civilizada, capitaneados por homens superiores, com baldões<sup>ii</sup> e calúnias se não poupam, que cega confiança nos hão de inspirar essas pinturas de um povo estranho, feitas pelos seus opressores?

As notícias que sobre os indígenas da América, e com especialidade

os do Brasil, nos deixaram os primeiros europeus que deles escreveram são tão contraditórias, que as não podemos aceitar todas sem exame. De ordinário esses narradores de coisas novas, que se não recomendam pela sua ciência e desinteresse, tendem mais a notar as coisas ridículas e extravagantes que exageram, do que as boas e razoáveis que calam. O amor ao extraordinário os leva a hipérboles e fábulas; acham homens monstros, sem lei nem grei<sup>iii</sup>, como acham gigantes e amazonas<sup>iv</sup>.

Se alguns escritores modernos, por simples conjecturas bem ou mal fundadas, se julgam autorizados a recusar o testemunho do grande padre Vieira<sup>v</sup>, quando parece avultar a população dos indígenas do Brasil, a matança que neles se fazia para cativá-los e a crueldade dos seus colonizadores, por que admitiremos a esmo o que em contrário dizem outros que não valem tanto como o célebre jesuíta, a quem o Brasil e as letras são devedores de assinalados serviços?

O que não pode a prevenção! Locke<sup>vi</sup>, filósofo tão respeitável, empenhado porém a negar as ideias inatas, grande escolho da sua doutrina, foi achar apoio em algumas palavras de Léry<sup>vii</sup> para dizer que os selvagens do Brasil nenhuma ideia tinham de Deus! Apoiado nesse mesmo escritor, e em outros muitos, não duvido sustentar o contrário com mais fundamento que o filósofo inglês, e não só essa, como outras muitas verdades postas em dúvida, obscurecidas e negadas.

É certo que Léry diz categoricamente que não tinham os selvagens conhecimento do verdadeiro e único Deus, o que, em rigor, na boca de um protestante, só significa que não tinham de Deus uma ideia qual a têm os filósofos. Mas tratando das suas erradas crenças e dos seus falsos profetas, destrói a nossos olhos a pecha de ateísmo, como veremos adiante quando examinarmos esse ponto.

## II.

O fim deste trabalho é reabilitar o elemento indígena que faz parte da

## população do Brasil.

O elemento europeu, que constitui uma parte da população do Brasil, e ao qual devemos o incremento da nossa civilização, tem por si a história gloriosa dos seus antepassados, desde que, herdeiros dos remanescentes da civilização grega e romana que combateram, deixaram por esse mesmo combate o estado selvagem em que viviam.

Esse elemento não necessita hoje de reabilitação aos olhos da filosofia. Ele domina por toda a parte e voa, através dos mares, até onde a cobiça lhe acena alguma presa. Seus mesmos erros e crimes se acham suficientemente compensados por ilustres e apregoados feitos que assinalam a sua marcha invasora, a par de muitas devastações e mortes.

No mesmo caso porém se não acha o elemento indígena, a quem muitos negam não só a sua importância na população, colonização e prosperidade do país, como também as noções de Deus e de justiça, e alguns nobres sentimentos, que naturais julgamos no homem e não produto da cultura e do artifício social.

Mostrar esse elemento tal como ele é, ou ao menos tal como se nos ele apresenta, reabilitá-lo aos olhos da filosofia e da história, é o fim a que agora me proponho; não que o seu sangue me circule nas veias e por ele me fale; mas porque me fala no coração o amor à humanidade e n'alma a voz da verdade. Nem consentirei que venham outros afetos perturbar a serenidade de tão desinteressada tentativa.

Esta reabilitação implica a refutação de alguns erros que se têm assoalhado contra os nossos indígenas, por um desses caprichos a que andam foreiros os homens; e sem essa referência ao que se acha escrito, pareceria extemporâneo e sem causa o nosso trabalho, como o de quem academicamente se cansasse a combater uma hipótese gratuita de sua própria lavra.

Um livro recente e notável de autor brasileiro que estimamos, e cuja

atenta leitura nos sugeriu estas reflexões, reúne e abona todas quantas acusações andam espalhadas por páginas diversas contra os nossos selvagens, concedendo-lhes apenas insignificantes virtudes, como penhor de imparcialidade.

Não falar desse livro por temor de parecer criticar uma obra de compatriota nosso, quando tão poucos são os que pelas letras nos dão glória e tantos os que por inveja procuram destruí-la, seria uma dissimulação transparente, quase sinal de desprezo e de injúria ao nome e mérito do autor desse livro.

As árvores frondosas e de sólidas raízes suportam bem, sem curvar-se, o peso das parasitas que nelas se escoram e, absorvendo-lhes alguma seiva, compensam os agravos que fazem, atraindo sobre elas os olhos dos indiferentes, que assim mais lhes admiram a corpulência. Demais, estou persuadido que ainda mesmo convertidas em censuras as nossas citações, não desmereceriam a glória desse ilustre escritor, antes o tornariam mais conhecido e apreciado como merece.

A morte dos livros não é a crítica; é o silêncio da indiferença e da inveja com que são recebidos. Para evitar essa mortal indiferença, e provocar o barulho da crítica, escreveu J. J. Rousseau<sup>viii</sup>, por conselho de Diderot<sup>ix</sup>, esse tão citado discurso contra a civilização; e destarte conseguiu a celebridade que desejava. Com os ouvidos do filósofo de Genebra ouça o autor da *História Geral do Brasil* o pequeno ruído da nossa voz e consinta de bom grado que a ele nos acostemos para dar vida e atualidade às nossas reflexões.

É certo que os inimigos da glória alheia aplaudem, na falta de injúria, as leves observações que se fazem aos invejados, como saboreiam as crianças qualquer migalha de doce: mas com essas observações decoram um nome que desejariam morto, e alguma coisa aprendem, como o infante toma o remédio pelo mel que o envolve,

*E dall'ingano suo vita riceve.*

Podemos, pois, na parte refutativa da tese que sustentamos, sem ofensa do ilustre autor da *História geral do Brasil*, extrair do seu livro as proposições que tivermos de confutar, em vez de desenterrá-las de escritores já mortos; tanto mais que nos não limitaremos a isso, pois que nele achamos adminículos para a parte afirmativa, que é o fim a que nos propomos.

### III.

*História geral do Brasil*, pelo Sr. Varnhagen<sup>x</sup>. Se cabe aos nossos selvagens o título de indígenas. Considerações sobre as antiguidades americanas.

O Sr. Varnhagen, incansável pesquisador de antigos documentos e que quase sempre viveu longe da pátria em serviços dela, transportando-se com a imaginação aos tempos coloniais, constituiu-se o mais completo historiador da conquista do Brasil pelos portugueses e o panegirista da civilização, mesmo a ferro e fogo, pelo cativo dos povos brasileiros, com quem não simpatiza, talvez por não conhecê-los, e a quem às vezes tudo nega, até o título de indígenas, chamando-lhes *vindíços alienígenas*, como para lhes não dever caridade alguma.

Tomando o vocabulário *indígena* no sentido absoluto que lhe dá o historiador, não sei que povo no mundo se possa hoje chamar indígena, a menos que não haja alguns descendentes de Adão<sup>xi</sup> que sempre no Paraíso terrestre se perpetuassem. Mas quem possui os documentos históricos da genealogia desse povo?

Como porém o historiador declara que – as santas escrituras estão muito acima da história mundana, e nós devemos nos contentar por ora com o fato geológico de que o homem apareceu sobre a Terra em todos os continentes estudados antes desse dilúvio ou último cataclismo que ela sofreu; - não vejo em tal caso razão por que, mesmo na acepção rigorosa

desse vocabulário, negue ele *a priori* aos índios o título de indígenas; podendo ser que descendam de algum Adão americano, sendo essa a conclusão mais lógica que devia tirar quem se contenta com o fato geológico mencionado e acha irrisório entrar em investigações sobre a precedência dos povos que viviam neste continente.

Confesso, porém, que na dificuldade em que se acha a etnografia de demonstrar a unidade ou a pluralidade da raça humana, prefiro como mais plausível a tradição bíblica, tanto a essas conjecturas de alguns naturalistas e filólogos à vista de diferenças e modificações físicas exteriores, que a ciência cabalmente explica, como a esse fato geológico, que não é o que mais embaraça, pois que a presença de milhões de povos no continente americano, sem que saibamos donde vieram, falando línguas que ainda se não reduziram a nenhuma das antigas conhecidas, não impede que o historiador e outros muitos os considerem como aborígenes e os façam descendentes dos egípcios, dos cartagineses, dos índios, das dez tribos de Israel e de quantos povos antigos se conhecem.

Mas nem por isso lhes recusaremos a denominação de indígenas, consagrada pelo uso, para melhor distingui-los dos mais conhecidos vindiços alienígenas depois de Cabral<sup>xii</sup>; e só neste sentido empregaremos esse termo, como o historiador os chama bárbaros por variar o estilo, até que algum sábio, tomando como inspiração divina o pensamento do imortal Colombo<sup>xiii</sup>, com boas razões o desenvolva e dê por demonstrado ser a América o berço do gênero humano, donde emigraram os descendentes de Adão a povoar o resto do mundo e, enriquecidos de árdua experiência, voltem a perfazer o círculo de sua longa peregrinação e completar a sua civilização no primitivo Éden<sup>xiv</sup>, que assim tenha de recolher o fruto dos trabalhos de todos os seus filhos.

Infelizmente porém os bárbaros da Europa que aniquilaram o colossal império dos Incas<sup>xv</sup>; que devastaram tantas cidades florescentes do México e do Peru e tantos monumentos destruíram, com tão estúpida

ferocidade nos roubaram as melhores páginas que nos poderiam guiar na pesquisa da antiguidade americana. Contudo, à vista dessas ruínas eloquentes de Cusco<sup>xvi</sup>, Tiahuanaco<sup>xvii</sup>, Uatatlán<sup>xviii</sup>, Tulha<sup>xix</sup>, Tenochtitlán<sup>xx</sup>, Culhuacán<sup>xxi</sup>, e Tezcuco<sup>xxii</sup>, essa Atenas americana, onde Zumárraga<sup>xxiii</sup>, primeiro bispo do México, invejoso da glória atribuída a Omar<sup>xxiv</sup>, amontoou em uma praça todos os documentos da história, da literatura e das artes, e todos os manuscritos, hieróglifos e pinturas dos astecas<sup>xxv</sup> e ergueu uma pirâmide que entregou às chamas; à vista dessa multidão de cidades, de canais, de pontes, de pirâmides, do papel de pita, cartas geográficas, e divisão do ano em 365 dias e dessa maravilhosa estrada de quinhentas léguas de Cusco ao Quito<sup>xxvi</sup>, por entre montanhas, talhada nas rochas, e guarnecida de arsenais, fortalezas, templos e hospícios para os caminhantes; à vista dessas gigantescas ruínas descritas por Garcilaso<sup>xxvii</sup>, Humboldt<sup>xxviii</sup>, Kingsborough<sup>xxix</sup> e outros viajantes, documentos incontestáveis de uma civilização de caráter antigo e original, que denuncia gerações sucessivas e séculos para ter chegado a esse ponto de grandeza e esplendor; à vista de todos esses fatos, tão fácil nos é supor essa civilização anterior, como contemporânea da mais antiga civilização da Índia e do Egito.

Como a América se achava povoada e em parte civilizada desde remotíssimas eras, que a história e a imaginação não atingem, e completamente ignoramos donde procederam os seus primeiros íncolas<sup>xxx</sup>, não há razão para nós, vindiços alienígenas, como tais também os tratemos. Indígenas lhes chamam todos os geógrafos e, se essa designação lhes não cabe, também a ninguém mais pertence.

Como demais é um fato que o gênero humano ignora cientificamente a sua origem, o seu berço e o seu primeiro estado, devemos crer que esse mistério sobre o seu passado, bem como o que envolve o seu futuro, entrou nos planos da Providência. E bem pode ser que, tendo havido no princípio um só continente, uma só raça, uma só

língua, date a dispersão das famílias, a variedade de formas e multiplicidade de línguas da fratura e separação da terra em vários continentes povoados, separação devida a esse grande cataclismo a que remonta a tradição dos povos e de que vemos incontestáveis documentos geológicos. Assim, cada continente, fragmento do único primitivo, terá uma raça indígena, sem que por isso deixe de haver unidade da espécie humana, e o que entre os povos americanos parece indicar precedência de outros povos que reputamos mais antigos talvez apenas seja uma prova de contemporaneidade de civilização e da conformidade do espírito humano no seu primitivo e espontâneo desenvolvimento.

Dir-se-á que isto não passa de conjectura. Assim é, mas ao que se reduzem todas as opiniões contrárias? E serão elas porventura mais razoáveis?

#### IV.

Conclusões que podemos tirar da carta de Vaz de Caminha<sup>xxxii</sup>. Justiça, ordem social, e forma de governo dos indígenas do Brasil.

Quando eu leio a célebre carta de Vaz de Caminha, escrita de Porto Seguro<sup>xxxiii</sup> no 1º de maio de 1500; esse primeiro e sincero documento sobre os povos brasílios, noto a segurança, de que se maravilha o escrevente, com que eles andavam entre os portugueses. Sinal evidente de que não estavam habituados a suspeitar ciladas e perfídias.

Onde reina a malícia está o receio,  
Que a faz imaginar no peito alheio.

Noto a facilidade com que trocam os seus arcos e flechas por coisas insignificantes e inúteis, até por folhas de papel! Prova de grande amor a coisas novas e curiosas. Noto o respeito com que assistem à missa, ora em pé, ora de joelhos; beijam a cruz, segundo veem fazer aos portugueses e esse dentre os indígenas que, falando aos seus, mostrava o

altar e apontava com o dedo para o céu, “como quem lhes dizia alguma coisa de bom”, segundo a expressão de Caminha. Prova de que tinham ideia de alguma divindade celícola<sup>xxxiii</sup>, a quem referiam o simulacro estranho que viam, compreendendo a sua significação, o que não fariam se não tivessem a menor ideia de Deus e de culto.

Noto finalmente que se acharam, como diz o mesmo escritor: “choupaninhas de rama verde como as de Entre-Douro-e-Minho<sup>xxxiv</sup>, e uma povoação central com nove ou dez casas de madeira com ilhargas de tábuas, e tão compridas como a nau capitana”. Prova de que viviam em sociedade.

O que os descobridores portugueses acharam em Porto Seguro foram depois achando com maior desenvolvimento por todo o vasto Brasil: homens simples, de boa fé, hospitaleiros, trabalhadores e sempre dispostos a se unir a eles, se os não maltratavam.

Não concordo pois com o Sr. Varnhagen quando diz: “a única crença forte e radicada que tinham esses selvagens era a obrigação de se vingarem dos estranhos que ofendiam qualquer da sua alcateia”. E convertendo, por direito de historiador, esse espírito de vingança em religião dos indígenas, tira daí argumento contra a tolerância em matéria de religião. Destarte um hábil romancista prepara os fatos para as conclusões que deseja tirar.

Mas essa fraternidade com que todos de uma mesma *taba*<sup>xxxv</sup>, ou povoação, tomam parte na ofensa e no desagravo de um só deles, o padre Azpilcueta<sup>xxxvi</sup>, que a nota, não a converte em religião e apenas diz: “tem tal *lei* entre si, que recebendo o menor deles uma injúria dos cristãos, se juntam todos a vingá-la”.

Mas essa lei os honra! O direito internacional dos povos civilizados ainda hoje consagra o uso das represálias por ofensa ou dano causado a um dos seus membros, do que tanto abusam os grandes Estados da Europa, que pela voz dos canhões proclamam seus direitos.

Essa simpatia natural que liga os indivíduos de uma mesma tribo é o instinto da associação, a base fundamental da civilização e o gérmen da justiça; e não há de que fazer censuras se esse sentimento benévolo é tão forte no coração do homem livre. A destruição de Tróia<sup>xxxvii</sup> não teve por motivo senão a vingança de uma injúria, por motivo quase semelhante expulsaram os romanos os Tarquínios<sup>xxxviii</sup> e destruíram a realeza, e outras muitas guerras e devastações nem sequer se coonestam com iguais visos de justiça.

No estado social chamamos vingança o ato pelo qual o ofendido se desforça por suas próprias mãos: mas se é o magistrado ou o governo quem em nome da sociedade inflige a pena ao delinquente e desagrava o ofendido, justiça e não vingança chamamos a esse ato. Apesar da semelhança, muito diferentes são os dois atos, pelas determinações que os produzem e os sentimentos que inspiram nos circunstantes. No primeiro caso, constitui-se o homem juiz em causa própria e executor apaixonado de sua própria sentença; o ódio que revela o torna repreensível. No segundo caso, desaparece a individualidade, antissocial por natureza; é um estranho, é a sociedade quem julga, sentencia e pune. O ato de todos a todos parece bem e a simpatia que inspira o justifica aos nossos olhos.

Se pois todos os de uma mesma taba se reúnem para castigar o agressor de um de seus membros, ao espírito de justiça, e não ao de vingança, havemos de atribuir esse procedimento. E por que converteremos em crime nos selvagens o que é virtude nos povos civilizados? Tem a moral universal princípios opostos, aplicáveis segundo o nosso gosto às diversas condições dos homens?

Consignemos pois como uma primeira verdade que os indígenas viviam em um regular estado social; e, se bem não tivessem leis escritas, como também as não tinham os lacedemônios<sup>xxxix</sup>, com quem em algumas coisas se parecem, compreendiam que deve a sociedade prestar apoio e

proteção a qualquer de seus membros. Esta sociedade, além do ministro da sua religião, o pajé, tinha um chefe político eletivo, que na guerra assumia o poder supremo e na paz submetia-se à decisão de um conselho de anciãos que consultava. A declaração de guerra, a sentença de morte e a transmigração eram por determinação desse conselho.

Eis o que dizem todos os escritores, sem exclusão do nosso historiador. De onde podemos concluir sem a menor dúvida que os índios tinham ideias de justiça, e de ordem social, e uma sofrível forma de governo<sup>1</sup>.

Digam embora os que tais fatos em seus escritos memoram que eles não tinham forma de governo algum; porque as páginas dos fatos observados desmentem as das invectivas.

## V.

Da vingança além dos umbrais da eternidade atribuída aos indígenas. Suas heranças religiosas. Contradições em que caíram Léry e Soares<sup>xi</sup>. O espírito humano é o mesmo por toda parte. Exemplo de Lord Byron<sup>xli</sup>.

Não pretendemos converter os nossos indígenas em grandes filósofos; mas longe estamos de supô-los tão irracionais que digamos com o Sr. Varnhagem: "não passava sua metafísica mais além do inato terror aos trovões e raios; ... e nenhum indício se descobre entre os Tupis de *deísmo*<sup>xlii</sup>, se bem não faltem muitos de *diabolismo*" (T. 1º. p. 123.)

Assim dizendo, consola-se porém o historiador, assegurando-nos que "a vingança além dos umbrais da eternidade, se por um lado não prova bons dotes do coração, descobre que estes povos, ou antes os seus antepassados, tinham ideias superiores às do instinto brutal dos gozos

---

<sup>1</sup> Quant à la police de nos sauvages, c'est une chose presque incroyable, et qui ne se peut dire sans faire honte à ceux qui ont les loix divines et humaines, comme étant seulement conduits par leur naturel, quelque corrompu qu'il soit, s'entretiennent et vivent si bien en paix les uns avec les autres. Léry p. 303.

puramente positivos do presente". (T. 1º. p. 122.)

Feliz achado de ideias superiores às do instinto brutal dos gozos presentes, por meio da vingança além dos umbrais da eternidade! De tão grande honra não julgou dignos esses miseráveis, e a concede antes aos seus antepassados, sem dúvida mais ilustrados para conceber a sublimidade dessa atroz vingança;

*Que do sepulcro os homens desenterra;*<sup>2</sup>

e de que deu hediondo exemplo o colérico Estevão VI<sup>xliii</sup>, mandando desenterrar, julgar, decapitar e lançar no Tibre<sup>xliv</sup> o cadáver de Formoso, seu antecessor.

Em favor da religião e da moral, em honra mesmo da humanidade, estimaríamos que o historiador descobrisse essas ideias superiores reveladas por crenças e práticas mais humanas, que aos povos brasílios não faltavam; como lhes não faltava a ideia de um ente supremo, criador do universo, e de uma alma que ao corpo sobrevive; a despeito do que dizem os que, para barbaramente caçá-los e cativá-los, começavam por supô-los animais sem alma e necessitaram que um papa os declarasse indivíduos da verdadeira espécie humana.

O nosso historiador, que recorre não sei a que dicionário para declarar que tupi significa *tio*, diz com a mesma segurança: "ao raio que temiam designaram por *tupam*"; apesar de que todos os vocabulários da língua tupi deem Tupã ou antes Tupana como deus dos povos brasílios, e não significando raio, que de outro modo se exprime. Porém a palavra existia; era preciso dar-lhe outra significação, porque a de deus não quadrava ao historiador, pela simples razão que ele "não crê concebessem (os selvagens) a ideia de um ente superior, imortal e infinito a reger este infinito orbe<sup>xlv3</sup>." Destarte, fiel indagador da verdade, decide em virtude da sua particular opinião, e não à vista dos fatos e documentos. Tão

---

<sup>2</sup> Camões, *Lusíadas*

<sup>3</sup> Tomo 1º. p. 123.

grande e nobre ideia quer ele que a devamos à civilização. Nós porém a reivindicamos em favor da espontaneidade do espírito humano; não por oposição aos princípios do historiador, mas por ser esta a nossa convicção, conforme já o declaramos em outros escritos e com mais clareza nos *Fatos do Espírito Humano*<sup>xlvi</sup>.

Grande força tem a verdade! Logo adiante, esquecendo-se do espírito de vingança, única fé dos selvagens, e que lhes negara a ideia de um ente superior, o nosso historiador, que lhes concede muito *diabolismo*, fala dos numes<sup>xlvii</sup> invisíveis Curupiras<sup>xlviii</sup>, Juruparis<sup>xlix</sup>, Anhangas<sup>l</sup> e outros! De jeito que esses ignorantes, sem ideia alguma de coisa que transcendesse ao sensível, como os egípcios, os gregos, e os romanos civilizados, tinham nomes para todas as coisas, isto é, nada compreendiam sem uma coisa superior e invisível, que se revela em todos os fenômenos da natureza! Mas isso mesmo é ter ideia de Deus. Nem os maiores teístas melhor o compreendem.

A pluralidade dos nomes, que nada mais é do que a personificação vulgar ou poética dos atributos vários da divindade, não destrói a primeira concepção da coisa suprema que se patenteia em todas as coisas; como as diferentes concepções artísticas não destroem, antes realizam a ideia do belo. Os povos mais cultos, que adoram a um só Deus único e bom, nem por isso deixam de atribuir grande influência aos anjos, aos demônios, à sorte, e à boa ou má estrela, etc.

Menciona mais o historiador o respeito com que limpavam as picadas e preparavam as festas, quando os pajés<sup>li</sup>, a quem denomina bruxos e feiticeiros, porque não quer que sejam sacerdotes nem físicos, se dispunham a visitar as povoações. Exatamente como fazemos, quando os bispos se dispõem a visitar as cidades, vilas e aldeias das suas dioceses. O que tudo prova que os brasílios tinham crenças, religião e culto; e disso; sem que o queiramos, nos asseguram testemunhas oculares, e entre estas o padre Azpilcueta, citado pelo historiador.

E ele mesmo confessa que esses pajés, que viviam em brenhas e tijupares<sup>lii</sup>, longe dos povoados, e cada qual tinha autoridade sobre um grande distrito, se inculcavam com domínio sobre os animais agressores do homem; e afirma com Gabriel Soares que “intimidavam os bárbaros com agouros tais, que de pasmo vinham a morrer”. Assim os dois escritores tão avessos aos índios, concedem-lhes a fé no sobrenatural, que ao princípio lhes negavam!

E como morreriam eles de pasmo, sem essa fé robusta na palavra do pajé, confirmada por algumas práticas estranhas e misteriosas, de que Simão de Vasconcelos<sup>liii</sup> cita alguns exemplos?

Quanto melhor fora que Soares tivesse memorado alguns casos desses agouros e mentiras, como lhes chama, já que nos excita a curiosidade, dizendo: “Muitas vezes acontece aparecer o diabo a este gentio, em lugares escuros, e os espanca, de que morrem de pasmo (nem é para menos) mas a outros não faz mal, e lhes dá novas de coisas não sabidas”.<sup>4</sup>

Aqui temos Soares tão crédulo como esse gentio de quem zomba; e o que mais é, sem razão quando diz que os pajés “pela maior parte não sabem nada; e para se fazerem estimar e temer tomam esse ofício por entenderem com quanta facilidade se mete em cabeça a esta gente qualquer coisa”. Esse entender dos pajés mostra conhecimento do coração humano e habilidade política. E não é qualquer coisa, antes muito de espantar, o ser espancado sem ver por quem e receber novas pelo diabo de coisas não sabidas!

E que muito fossem eles crédulos, se Soares, português e católico, atribuindo a embuste o que conta, confirma o que pretende negar!

No mesmo caso está o protestante Léry, que escreveu antes dele. E pois que o seu testemunho foi neste ponto invocado por um grande filósofo, que atendeu mais à sua conclusão, que a sua exposição de fatos,

---

<sup>4</sup> Gabriel Soares. Cap. CLXI, p. 323.

convém que saibamos que Léry afirma, mais de duas vezes, que os selvagens do Brasil não só acreditam na imortalidade da alma, senão que estão persuadidos que depois da morte vão as almas dos beneméritos folgar além das altas montanhas, em belos jardins, (os Campos Elísios<sup>liv</sup> dos poetas, diz ele), enquanto que as dos cobardes, que não defenderam a pátria (a expressão é dele), são levadas por Aygnan (Anhangá), que sem cessar as atormenta.

Eis aqui já as ideias de céu e de inferno: de um prêmio e de um castigo futuro, e de uma justiça divina e eterna.

Lembrarei de passagem que essas *altas montanhas azuis*, de que falam os escritores, é uma expressão figurada com que os tupis designam as nuvens do céu, além das quais colocam a mansão da eterna bem aventurança.

Também Léry dá como certo o aparecimento, sob diversas formas, desse espírito maligno *Aygnan*, que lembra Ahriman<sup>lv</sup> dos antigos Persas, princípio do mal, oposto a Oromase<sup>lvi</sup>; e fala do medo que dele têm os índios, a quem espanca. Trata os caraíbas<sup>lvii</sup> de falsos profetas e os compara aos frades mendicantes<sup>lviii</sup> (*porteurs de rogaton en la papauté*); os quais fazem crer aos selvagens que, por comunicação com os espíritos, não só lhes podem dar força para vencer seus inimigos, como fazer crescer as raízes e os frutos. Menciona as oferendas feitas aos Maracás<sup>lix</sup>, aos quais atribuem alguma santidade, acreditando que nesses instrumentos lhes fala um espírito quando os tangem; e conclui descrevendo uma grande festa trienal, ou quatrienal, a que assistiu por acaso com mais dois franceses, solenidade que faz lembrar as convulsões dos fanáticos jansenistas<sup>lx</sup>, sobre a sepultura do diácono de Paris, no cemitério de São Medard, no século passado<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Expondo o que diz Léry acerca das crenças dos índios, traduzimos às vezes as suas próprias palavras. Não obstante transcreveremos aqui um trecho, onde esse escritor resume o seu parecer: "Presupposant doncques que nos Ameriquains, quoy qu'ils ne le confessent, estant conveincus en eux mémes qu'il y a quelque Divinité, ne pouveront

O espírito humano é o mesmo por toda parte. A crença no sobrenatural, o amor ao maravilhoso, ligam-se à ideia de um poder imenso, invisível; exaltam-lhe a fantasia e decidem de uma parte de seus atos e de sua vida. A civilização, a cultura nada pode às vezes contra essa natural tendência. O homem é um ente religioso e supersticioso, como é racional e social. A história de todos os povos, as biografias de homens ilustres de todas as nações estão cheias de provas desta verdade. As ciências mesmas que condenam os preconceitos, fazem seu cabedal de muitas crenças, que se vão substituindo umas por outras, a título de progresso: hipóteses para alguns filósofos, verdades para os que mais se cuidam sábios! E os que mais zombam das crenças alheias são muitas vezes bem atormentados pelas suas próprias.

O célebre Lord Byron passava por cético, entretanto o autor das memórias sobre a sua vida nos diz: "Byron crê sinceramente em visões sobrenaturais, porque sua fisionomia toma uma expressão grave e misteriosa quando ele enceta questões desta natureza. Contou-me ele com o sangue frio da convicção que o espectro de M. Shelley<sup>lxi</sup> em um jardim lhe aparecera. Os homens mais sábios, os mais hábeis lógicos, caíam às vezes na superstição; exemplo seja Johnson<sup>lxii</sup><sup>6</sup>.

E quantos outros se poderiam citar? Mas continuemos a recolher alguns fatos dos nossos indígenas.

## VI.

---

pretendre cause d'ignorance; outre ce que j'ay ja dit touchant l'immortalité de l'ame, laquelle ils croyent: le tonnerre dont ils sont espouvantez et les diables, qui les tourmentent; je monstrey encores en quatrieme lieu, nonobstant les grandes et obscures tenebres ou ils sont plougez, comme ceste semence de Religion, (si toutes fois ce qu'ils font merite ce titre) bourjonne et ne peut estre esteint en eux. Pag. 268". Acrescentaremos o que diz sobre este mesmo assunto outro antigo escritor francês, o padre Yves d'Évreux. " C'est donc chose assurée que ces sauvages ont eu de tout temps la connoissance d'un dieu... Ils ont eu après une croyance naturelle des Esprits tant bons que mauvais ... Ils croient l'immortalité de l'ame, laquelle tandis qu'elle informe le corps, ils appellent An et aussi tost qu'elle a lessé le corps pour s'en aller en son lieu destiné, ils la nomment angouere." Voyage dans le Nord Du Brésil.

<sup>6</sup> La contesse de Blessington.

Explicações de vários usos dos Tupis por ocasião da gravidez e parto das mulheres. Exemplo de preconceitos de povos cultos. Resumo das práticas mais notáveis dos indígenas. Por que temiam os trovões. Diferença entre - Tupá e Tupana -.

Apresenta ainda o Sr. Varnhagen os nossos indígenas como tão respeitadores do mistério da geração, que o marido da mulher pejada<sup>lxiii</sup> se abstinha de caçar, por não matar alimária prenhe; e pelo mesmo motivo respeitavam então os ovos dos pássaros, preferindo morrer de fome ao violar os preceitos da sua crença ou superstição.

Morrer antes do que destruir o gérmen de uma vida animal que se desabrocha, quando o seu próprio gérmen se desenvolve no ventre maternal, não é um fato indiferente e sem importância! Alguma ideia religiosa ou grande sentimento de piedade se associa a essa prática. Se, porém, como na Europa culta ainda hoje se crê de mau presságio o sal entornado na mesa, tinham eles para si que a morte dada por suas mãos a um gérmen era de fatal agouro para a vida do filho que se esperavam e o conjugavam com sacrifício da sua: que imenso amor paternal não revela essa prática!

Se eles porém acreditassem que em tal caso deviam matar muitos animais, destruir muitos germens, derramar muito sangue, para que nascessem os filhos robustos e guerreiros: não acusaria essa superstição instintos ferozes e carnívoros e dureza do coração? Pois bem, o uso contrário não só denuncia amor paternal, como também bondade d'alma e uma nobre crença, que os favores do céu só por atos humanos se impetram<sup>lxiv</sup>.

Um uso havia entre eles, que à primeira vista parece ridículo e absurdo: era o de se deitarem os maridos nas redes e porem-se em dieta, quando as consortes davam à luz os filhos, enquanto elas robustas se iam banhar ao rio e se entregavam aos trabalhos domésticos.

Se porém nos lembrarmos que durante a prenhez das mulheres se abstinham os maridos do prazer da caça, pelo receio de matar alimária em igual estado, e o quanto por isso viveriam inquietos, impacientes e sôfregos por verem o termo desta abstenção; não admira que, à vista do feliz resultado do seu longo sacrifício, experimentassem grande comoção do ânimo e abalo do corpo, que os levasse ao repouso: como a nós acontece após grande excesso de prazer e de dor moral. Essa agitação quase febril era aviventada pelas visitas e parabéns dos amigos, que vinham todos felicitar os pais, sinal que não era indiferente a uns e outros o crescimento da prole. Não tendo eles outros móveis de repouso senão as redes, nelas reclinados ou deitados recebiam as visitas. Como, apesar da pouca ciência fisiológica, diziam que os filhos eram antes dos pais que das mães, não admira também que tomassem o soçobro<sup>lxv</sup> que sofriam como um sinal de afeição natural da paternidade, que lhes cumpria acalmar com repouso e dieta, sendo que em tais casos não é grande o apetite. Demos ainda, se quiserem, que exagerassem um pouco o abalo do prazer da paternidade, do mesmo modo que as pessoas ricas e de boa sociedade exageram a dor natural que experimentam pela morte dos parentes, cobrindo-se de luto e recebendo pêsames com as janelas cerradas e às escuras, para que se não veja a lágrima ausente substituída por um suspiro voluntário, de mais fácil expressão.

O que uns fazem por necessidade da natureza, outros o fazem por imitação; generaliza-se a prática, e o uso a exagera.

Ainda hoje os napolitanos sangram-se e adietam por qualquer triste impressão que recebam; e não pelo mal que sintam, senão pelo que imaginam lhes virá infalivelmente sem essa cautela. E esse imaginar lhes traz o mal, se o não evitam como entendem.

Um pintor bastante inteligente e desabusado vinha a minha casa em Nápoles fazer um retrato. Um dia pintando mostrava-se aflito e incomodado.

\_ O que tem? Perguntei-lhe.

\_ Pois não sabe? Meu irmão foi roubado por uns ladrões que lhe entraram em casa nos arredores de Portici<sup>lxvi</sup>. Recebi ontem essa notícia; não sangrei-me e hoje estou de tal modo que nada faço que preste.

\_ E o que tem o roubo de seu irmão com a sangria? \_ Essa é boa! \_ voltou-me ele. \_ É coisa sabida: quando alguém recebe alguma má notícia, sangra-se logo, senão azeda-se o sangue, e fermenta a bílis<sup>lxvii</sup>.

Melhor aconteceu a um ministro estrangeiro naquela corte, no tempo que ali estive. Trouxe-lhe um mestre alfaiate uma casaca nova a provar. Achava o ministro que lhe ia muito desajeitada e com acrimônia<sup>lxviii</sup> mostrava os defeitos e as pregas, com o que se moía o alfaiate, que não ousava desabafar-se. Nisto veio um criado anunciar uma visita importante. Arranca o ministro a casaca, veste a sua e vai ao salão, dizendo ao artífice que espere. De volta o não achou. Mas ei-lo que entra com a mão esquerda ligada e suspensa em um lenço. \_ O que é isso? \_ Pergunta-lhe o ministro. \_ V. Ex<sup>a</sup>. \_ responde o pobre homem \_ disse-me coisas tão desagradáveis que não tive remédio senão ir sangrar-me. Há sangradores em Nápoles em todas as ruas.

Tenho notado que homens estoicos<sup>lxix</sup> nos seus sofrimentos físicos e desgraças são às vezes muito ternos e compassivos e até fracos nos prazeres. Os que insensíveis na guerra veem correr rios de sangue, enternecem-se às vezes com as lágrimas de uma criança, e os indígenas do Brasil, que ostentavam tanto estoicismo nas suas doenças e nos tormentos do seu corpo, podiam por isso mesmo ser mais sensíveis ao abalo da paternidade.

Estes usos e costumes, além de outros muitos, tais como o religioso respeito às virgens até a idade da puberdade; a proteção à família e aos órfãos; as regras seguidas nos seus casamentos; a fraternidade em que conviviam os de uma mesma *taba*, "condição muito boa para frades franciscanos" como diz G. Soares; a hospitalidade e generosidade sem

limite até com os seus inimigos; a veneração aos seus cantores, que seguros viajavam poetizando e cantando por entre os contrários, bem agasalhados de todos, como os trovadores da Idade Média; o dever estoico de se mostrarem grandes sofredores nas doenças, nos trabalhos, e até na morte, como se algum Zeno<sup>lxx</sup> tivesse aberto escola nestes bosques, o que prova grande império da vontade sobre o corpo, requinte da dignidade varonil, que mereceu a admiração de Leibniz<sup>lxxi</sup>; esses mesmos sacrifícios humanos, à imitação dos tírios<sup>lxxii</sup>, cartagineses<sup>lxxiii</sup> e gauleses<sup>lxxiv</sup>, mas não tão multiplicados e horrorosos; a arrogância que devia ostentar a vítima, bem tratada e nutrida, toda enfeitada, vociferando que já estava vingada pelo mal que lhe fizera e contente assoberbava a morte; a maça de pau que lhe davam, instrumento de desesperada defesa com que lhe levantavam o ânimo à resistência, para não parecer cobarde o sacrificador com quem lutava; como nós damos por forma um advogado ao réu de morte já de antemão condenado no espírito dos juízes; enfim, as suas mesmas cerimônias fúnebres; as mulheres e as filhas desgrenhadas, com os cabelos esparsos sobre os rostos, pranteando após o cadáver do marido e do pai; e os varões levando às costas o corpo da esposa ou da irmã até a sepultura, por suas próprias mãos abertas; as maiores honras aos chefes, em cuja cova depositam as suas armas de guerra e alimento, e ao lado da qual mantêm o fogo por algum tempo: tudo prova que a metafísica dos povos brasílios, para servir-me dessa expressão do senhor Varnhagen, passava muito além do terror aos trovões e raios.

Nem eles temiam esses fenômenos físicos, a que estavam tão habituados pela sua frequência nestes climas, senão porque os consideravam como manifestações das iras de Tupã. Por que não temiam eles o mar agitado? E se na presença desses meteoros, que juntos se patenteiam no espaço, no meio do aparato sublime da desordem da natureza, sob um céu tenebroso, espantados diziam – Tupã-çunanga!

Tupã-beraba! Ou simplesmente, Tupã! Também nós em tais casos cheios de terror exclamamos – Deus! E errado iria quem julgasse que aplicamos esse nome ao fenômeno sensível.

Como eles acreditavam que havia um nome para o pensamento, outro para os caminhos, outro para os desertos, outro talvez para o mar; acreditavam também haver um superior a todos, que vibra o raio, e dispara os trovões; é Tupã, o seu Júpiter Tonante<sup>lxxv</sup>.

Farei aqui um reparo que me parece importante. Os escritores modernos confundem hoje a palavra *tupá* com *Tupã*, ou antes, *Tupana*, como ouvi pronunciar a muita gente no Maranhão e no Pará, onde este termo é muito vulgar, e como está escrito no dicionário português e brasileiro, significando – Deus – enquanto *tupá* tem ali o significado de *trovão*. Esta diferença existe, não a inventamos nós. Ora, a terminação *ana* os tupis a empregavam em alguns casos de preferência à terminação *ara*, que corresponde a nossa desinência em *or*, e serve para indicar o sujeito que exercita a ação do verbo, como se lê na gramática da língua brasileira pelo padre Figueira<sup>lxxvi7</sup>, sem porém explicar a diferença que há entre as duas desinências *ana* e *ara*, como existe na nossa língua entre *ante* e *or*, como por exemplo – caminhante e caminhador, - que não dizem a mesma coisa. Por conseguinte, *tupá* significando trovão, *Tupana* contração de *tupá-ana*, significa literalmente o trovejador, ou melhor, o Tonante, como poeticamente dizemos. E neste caso não só os termos das suas línguas exprimem precisamente a mesma ideia por nomes verbais semelhantes, como também há alguma analogia nas vozes.

Não é menos de notar que, havendo no céu sol, lua, estrelas, raios e relâmpagos, designem os tupis o nume celeste pelo atributo do trovão, como os gregos e romanos! Serão estas coincidências devidas ao acaso?

---

<sup>7</sup> Os verbos em *ara* significam a pessoa que faz: ex.: Juca-çara o matador alguns acabam em *ana*. Fig: gram: p. 72.

## VII.

Moral dos tupis, hospitalidade e estoicismo. Como receberam eles os companheiros de Cabral e de Martim Affonso<sup>lxxvii</sup>.

A hospitalidade e generosidade sem limites até para o inimigo, que podia entrar, comer e dormir em qualquer taba sem o menor receio de ser agredido, até que se declarasse ao que vinha; tão patriarcal costume, se não era um preceito da sua religião, a que jamais faltavam, se não era a manifestação espontânea da bondade de seus corações, era pelo menos o resultado de um conhecimento refletido, do quanto deve o homem ser magnânimo e compassivo com o seu semelhante, e não repelir, ofender e trair a quem, mesmo inimigo, cheio de confiança o procura. Nisto se resume a doutrina do Cristianismo: caridade com o próximo. Assim todos os cristãos imitassem neste ponto a esses a quem chamam selvagens.

De qualquer modo considerada, essa prática nimamente humana, bem como o seu estoicismo, os honra e revela outras muitas virtudes correlativas. Com efeito, o roubo era entre eles desconhecido, e tido em horror o adultério; não espancavam suas mulheres e filhos; e jamais matavam seus animais domésticos, *xerimbabos*<sup>lxxviii</sup>, que por prazer criavam.

Dos que assim praticavam injusto é dizer, como alguns escritores, que eram falsos, infiéis, desconfiados e nenhuma ideia tinham de sã moral. Os fatos citados por esses mesmos escritores depõem contra as suas arguições e, sem sairmos do livro que analisamos, podemos achar convincentes provas em favor do que dizemos.

Nem o nosso historiador lá para si pensará de outro modo, disso nos persuadimos; porém, no seu excessivo amor à civilização, quer a esta atribuir todos os bens, esquecendo-se momentaneamente que a civilização mesma é o resultado da boa natureza humana, que tende sempre a aperfeiçoar-se.

O homem mesmo selvagem nunca deixa de ser um ente racional e moral; em sua alma, bem como em seu corpo, existem todos os atributos naturais que constituem nosso irmão; e se lhe falta nesse estado o desenvolvimento da inteligência nas ciências e nas artes, e algumas grandes virtudes, raros dotes de bem poucos entre os povos civilizados, em compensação porém o não mancham grandes vícios e crimes que entre estes se observam, porque a cultura desenvolve tudo, o bom e mau, a virtude e o vício. Oxalá<sup>lxxix</sup> assim não fosse!

Com que confiança e inocência receberam os indígenas os da campanha de Pedro Álvares Cabral! O espetáculo estranho dessas naus alterosas e desses homens armados de ferro, lhes não inspirou a menor suspeita e medo. Vaz de Caminha, na sua veneranda carta, os mostra lançando a um aceno os seus arcos em terra e apresentando-se em grande número desarmados, para dissipar os receios dos portugueses, a quem em outras ocasiões ajudam a fazer a lenha e aguada para os navios. Mas essa boa fé e benevolência para com estrangeiros desconhecidos são para o homem civilizado atributos da ignorância! À vista de tanta boa fé não pôde Caminha deixar de dizer: “são mais nossos amigos, que nós seus!”.

Quando Martim Affonso chegou pela primeira vez à baía do Rio de Janeiro em 1531, (Pedro Lopes<sup>lxxx</sup> seu irmão é quem relata, e o nosso historiador o transcreve) mandou quatro homens pela terra dentro: “e foram e vieram em dois meses... Foram até darem com um *grande rei* e senhor de todos aqueles campos; e lhes fez muita honra e veio com eles até os entregar ao capitão, e lhe trouxe muito cristal”. Eis como esses selvagens, não tanto como os pintam, hospedavam, honravam e presenteavam a estrangeiros desconhecidos, que em troco os cativaram e lhes ensinaram a desconfiar do seu semelhante civilizado! Com razão diz o grande lírico português apostrofando a Cabral.

Aos povos que te hospedam.

Ignaro de futuro os grilhões lanças<sup>8</sup>.

Com toda a franqueza confessa Léry que mais seguro vivera entre esses povos a quem chamam selvagens, do que estaria em alguns lugares da sua França<sup>9</sup>.

Se depois se tornaram esquivos, desconfiados e cruéis, se pagaram traições com traições, agradeçamos às duras lições dos seus mestres europeus, que, ao som das espingardas, em nome da civilização, lhes deram logo a escolha: o cativo ou a morte.

### VIII.

Nosso respeito à civilização. Eficácia das leis positivas como interpretações e complemento das leis naturais. Falsa teoria acerca da ambição e cobiça de alguns donatários do Brasil. Principal mérito da história.

Filho da civilização, admirando as suas maravilhas, gozando dos seus dons, nem por pensamento nem por zombaria pretendo imitar o filósofo de Genebra<sup>lxxxix</sup>, nesse seu discurso em favor do estado selvagem, verdadeiro brinco de uma imaginação caprichosa, como o elogio da loucura feito por Erasmo<sup>lxxxix</sup>. Mas por amor dessa civilização mal definida, que é ídolo do nosso historiador, não irei quase ao ponto de acusar a Providência de haver abandonado a espécie humana só à mercê de instintos ferozes, dizendo como ele "sem os vínculos das leis e da religião o triste mortal propende tanto à ferocidade, que quase se metamorfoseia em fera<sup>10</sup>".

E essas leis, essa religião de que fala o nosso autor, não são as leis naturais do entendimento, dos sentimentos morais, e dos instintos humanos, dadas por Deus às suas criaturas racionais, para guiá-las neste

---

<sup>8</sup> F. Elísio. "Ode à liberdade".

<sup>9</sup> Je me fierois, et me tenois lors plus á seureté entre ce peuple que nous appellons sauvages, que je ne ferois maintenant em quelques endroits de notre France e aves les François desloyaux et degenez. Léry pag.326.

<sup>10</sup> Tom. 1º. p. 133.

mundo e servir-lhes de norma às leis sociais positivas, segundo as circunstâncias em que os colocasse a liberdade de que as dotou. Não; essas leis, o escritor as define logo, porque não fiquemos em dúvida sobre o seu pensamento, "são as leis a que o homem quis voluntariamente sujeitar-se, depois de muito tristes sofrimentos do mesquinho gênero humano, antes de as possuir"<sup>10</sup>.

Tais sendo os princípios do historiador, não admira que tão poucas simpatias mostre por povos que não tinham leis escritas e que não saiba por que há poetas e até filósofos que às vezes fazem a sátira da civilização, descobrindo algumas virtudes no estado selvagem, sem que por isso vejam nesse estado a maior felicidade humana. Os brocados da civilização encobrem muitas misérias e a poucos chegam; e prestam-se mais à sátira que as pobrezaas do selvagem.

Mas o conhecimento desses muito tristes sofrimentos, antes da promulgação de leis voluntárias, supõe um gênero humano constituído em sociedade; supõe tradição, experiência, ideias de justiça e de ordem, boas intenções e possibilidade de melhorar de posição pelo exercício da inteligência e prática do bem, por instinto, e livre determinação da vontade; supõe por conseguinte uma civilização primitiva, independente de leis escritas.

E devemos nós crer que sem essas leis tudo era miséria, sofrimento e brutalidade? Que nada havia por onde se guiasse o homem? Como pois o triste mortal, quase metamorfoseado em fera por falta de leis e religião, inventou religião e leis, sem ideias de Deus, de ordem e de justiça? É como se me dissessem que antes da lógica como arte e da moral como ciência, não havia lógica no entendimento, nem sentimentos morais no homem!

Creio na eficácia da religião e das leis; mas essas a que voluntariamente quis sujeitar-se o homem só o moralizam, só o aperfeiçoam, quando são verdadeiras interpretações e complemento das

leis naturais dos sentimentos morais espontâneos da espécie humana; leis e sentimentos que pelo menos tanto atuam no homem selvagem como no civilizado.

Não foi em virtude dessas leis naturais que as mães espartanas desamoradas<sup>lxxxiii</sup> condenavam ao báratro<sup>lxxxiv</sup> os filhos que enfermos e defeituosos nasciam; nem pela prática dessas leis que tanto nos horroriza a história de todos os povos. Religiões e leis conheço eu por esse mundo que mais que a selvageria em feras metamorfoseiam os homens.

Creio na liberdade humana e na grandeza das suas obras; mas ai dos homens se a Providência os tivesse deixado só à mercê da sua vontade e sujeitos às únicas leis da sua livre fábrica.

Não presumo que seja o nosso historiador sectário de Thomas Hobbes<sup>lxxxv</sup>; porém, no seu horror à guerra da selvageria, professa às vezes os mesmos princípios e paradoxos de moral e de política ao nosso ver funestos, que o levam a recomendar com instância o emprego da força e a louvar a ambição e a cobiça, que, depois do zelo religioso, “são, diz ele, os outros dois sentimentos da humanidade no empreender obras grandes”<sup>11</sup>.

Resta a saber que obras grandes são essas que se empreendem por ambição e cobiça, esses dois móveis de tantos crimes, de tantos roubos, de tantas guerras e de tantas mortes.

Apesar da teoria que se descobre nesse modo de falar do historiador, acreditamos muito sinceramente que não foi por ambição e cobiça que ele “levantou o pensamento à árdua tarefa de escrever a história do Brasil; mas sim, como diz, pelo desejo de prestar esse serviço ao país em que nasceu”. E tanto mais o acreditamos quanto igual sentimento nos anima e sabemos por desanimadora observação e triste experiência que não é escrevendo obras sérias que entre nós se alcançam

---

<sup>11</sup> Tom. 1º. p. 154.

honras e riquezas. Outro é o caminho da ambição e da cobiça que os habilidosos trilham com vantagem.

Não somos daqueles que reduzem todos os atos humanos ao interesse individual. Como ninguém é poeta, filósofo, matemático por livre determinação da sua vontade, mas sim por uma propensão natural do seu espírito, como, por igual disposição da nossa natureza, amamos a verdade, o belo, o justo, os pais, os filhos, os amigos, e a pátria: podemos também por igual impulso praticar atos de valor e empreender obras grandes sem ambição e cobiça. As vantagens colhidas em tal caso não destroem a pureza do motivo, como as perdas do cobiçoso não sacrificam seus cálculos egoísticos.

É pois de sentir, por amor da moral, que só por falta de ambição e cobiça, Pedro de Campos<sup>lxxxvi</sup>, donatário de Porto Seguro, não merecesse do historiador tanta consideração como lhe mereceu Duarte Coelho<sup>lxxxvii</sup>, donatário de Pernambuco, dizendo do primeiro: "faltava-lhe igual parte de ambição e de cobiça, que são os outros dois sentimentos da humanidade no empreender obras grandes." E conferindo ao segundo as honras de severo e virtuoso, porque "tinha além de um coração robusto a necessária ambição, e mediana cobiça para lidar com vantagem no campo da glória e da fortuna que se lhe apresentava, e aumentar os capitais de uma e outra que já na Ásia lhe haviam cabido por várias terras e navios que tomara, e apresara<sup>12</sup>".

O historiador nem sequer disfarça e doura um pensamento, que é hoje bem acolhido, e que se por todos fosse aplicado e praticado

---

<sup>12</sup> Não sabemos se há exatidão no que diz desse donatário, quanto às terras e navios que tomara e apresara na Ásia. O certo é que o historiador, guiando-se por G. Soares e outros, parece ter desprezado o reparo de Aires do Casal, que assim se exprime: "Querem alguns escritores que Duarte Coelho Pereira militara na Índia, quando parece que ele nunca lá tinha ido; porque o Duarte Coelho de que fala Barros e Faria, e que fez ações ilustres naquela região, não tinha o sobrenome de Pereira, e morreu nas mãos dos Mouros, na ilha de Sumatra, depois de padecer naufrágio na boca do rio Calapa, onde ia construir uma fortaleza em 1527. (T. 2 p. 138.) Se esse Duarte Coelho que esteve na Índia morreu com efeito em 1527, claro está que não pode ser o donatário, que veio para o Brasil em 1535. Mas isso pouco importa ao nosso caso.

produziria a conflagração geral da sociedade. Lembra-se porém da conveniência da poesia, quando aconselha a concessão de brasões de armas! Virtuoso é pois quem cheio de ambição e levado da cobiça, lida no campo da glória e da fortuna, e aumenta seus capitais, tomando terras e apresando navios! Um feliz corsário será um herói virtuoso aos olhos da moral? Eis uma virtude que os nossos selvagens não tinham. Em uma sátira tomaríamos esse encômio por ironia.

Entretanto o historiador transcreve o trecho de uma carta de Duarte Coelho, que para a Corte se queixava da “negra cobiça do mundo ser tal que turba o juízo dos homens”. O que me faz crer não atribuía o donatário à cobiça o zelo que o animava pela prosperidade da sua Capitania.

Se porém o historiador está persuadido que havia com efeito mais ambição e cobiça que qualquer outro sentimento, nos corações desses homens e os não acusa, em atenção aos serviços que mesmo sem boas intenções fizeram ao país; essa caridade, que não obriga a converter em virtude a cobiça e que pode ser interpretada em prejuízo da moral pública, autoriza a que igual caridade lhe peçamos em favor dos pobres indígenas, pouco dispostos a serem vítimas da ambição e da cobiça de estrangeiros.

O mérito da história não consiste só no encadeamento dos fatos, nomes e datas. E a isso se não reduz o nosso historiador. Consiste mais que tudo na justa apreciação dos homens e dos acontecimentos e na melhor lição moral e política que possa servir ao aperfeiçoamento da ordem social, impedindo-a que recaia nos mesmos erros do passado. O historiador há de ser filósofo para bem indagar e julgar; poeta para bem sentir; moralista para bem doutrinar e político pra bem aplicar.

Há na história três categorias de verdade: a dos fatos, a das intenções e a das conclusões morais e políticas do historiador. A exatidão histórica não há de ser tal como a do daguerreótipo<sup>lxxxviii</sup>, que, à força mesmo de sua momentânea e passageira fidelidade, desfigura o semblante, não dando a expressão ordinária, que é a vida própria da

fisionomia e do retrato; e menos ainda como a da caricatura, que sacrifica as formas naturais à força da expressão exagerada e caprichosa. E neste caso estão as pinturas incongruentes que fazem dos nossos selvagens.

## IX.

Artes e indústrias dos indígenas conservadas até hoje.

Imparcialidade do Sr. Varnhagem a este respeito.

Se achamos sem esforço, mesmo nos documentos contrários, que os povos brasílios tinham ideias sublimes, quais a de um Ente supremo, criador do universo, ao qual, segundo Thévet<sup>lxxxix</sup>, também davam o nome de Monan<sup>xc13</sup>, ou talvez Monhangara<sup>xcii</sup>, que significa criador; e de uma alma, *anga*<sup>xcii</sup>, distinta do corpo, e que deste pela morte se separa; se achamos festas religiosas que nada tinham de absurdas, pois que de ordinário se reduziam à música, cânticos e danças, e aos discursos dos pajés, que falando em nome de Tupana e de seus nomes subalternos e praticando algumas feitiçarias, exaltavam a imaginação desses povos e neles aviventavam o sentimento do maravilhoso; se achamos uma sociedade imperfeita sim, porém regularmente constituída para paz e para guerra, prestando apoio a seus membros; se achamos estoicismo e hospitalidade, virtudes tão admiráveis; achamos também muitas artes e indústrias, de que se aproveitaram os europeus e que ainda não foram substituídas e esquecidas por outras melhores.

A selvageria completa é uma ficção, ou uma decadência e aberração temporária do estado normal do homem, que dela tende sempre a sair voluntária e instintivamente, como de um estado de enfermidade. E nessa convicção, tenho como mais verdadeira a teoria de Friedrich Schlegel<sup>xciii</sup>,

---

<sup>13</sup> Eis como se exprime Thévet: “La première cognoissance donc, que ces sauvages ont de ce qui surpasse la terre est d’un qui’ls appellent *Monan*, auquel ils attribuent les memes perfections que nous faisons à Dieu, le disant estre sans fin et commencent, lequel a créé le ciel, la terre et tout ce qui est em iceux.

fundada no estudo da natureza intelectual e moral do homem, do que a de Virey<sup>xciv</sup> e de Lamarck<sup>xcv</sup>, que me parece tão falsa como degradante.

O Sr. Varnhagen, com quem felizmente nem sempre estamos em desacordo, aprecia devidamente, quanto lho permitia o plano da sua história, esses elementos da civilização dos indígenas. Em vez de enfraquecer essas apreciações, indicando-as nós mesmos, teremos o prazer de realçar este trabalho, transcrevendo aqui as suas próprias palavras, tão cheias de verdade e de convicção que as tornam eloquentes.

“Dos bárbaros adotaram os colonos o uso do milho, e da mandioca, e de todos os meios de cultivar e preparar essas duas substâncias alimentícias. Deles adotaram também o uso frequente da farinha da raiz da mandioca, e das folhas da planta que dá essa raiz, isto é, a maniçoba<sup>xcvi</sup>, como hortaliças e para o mesmo fim empregavam as folhas do taiá ou taioba<sup>xcvii</sup>. Além disso cultivavam os carás<sup>xcviii</sup> e inhames<sup>xcix</sup>, e sobretudo o excelente aipim, ou mandioca doce...

“Na primitiva construção das casas, em vez de pregos, se adotou a timbó-peba<sup>c</sup>, para segurar as ripas, conforme usavam os índios em suas construções. Também se adotaram as próprias formas de suas cântaras<sup>ci</sup> ou vasos de barro para trazerem água do rio e das fontes: e em outros artigos domésticos foi a adoção dos usos tão excessiva, que até com eles vieram seus próprios nomes de língua tupi, os quais para sempre no Brasil acusam sua procedência...

“A atrevida jangada de Pernambuco, semelhável aos pangaios<sup>cii</sup> da África Oriental e da Índia, que ainda hoje acomete nossos mares, com pasmo do viajante europeu, que mal concebe como haja quem arrisque a vida sobre uns toros ligeiríssimos, mal unidos, que vão quase debaixo da água, navegando dias e dias longe da vista da terra<sup>14</sup>. As ligeiras ubás<sup>ciii</sup>

---

<sup>14</sup> Eu mesmo, por um temporal desfeito, vi-me obrigado com mais dois companheiros, a fazer uma viagem de três horas sobre uma dessas jangadas, na província das Alagoas, para ganhar o vapor que longe estava da costa; e no qual continuamos a viagem do Rio

de cortiça que deslizam sobre as águas; as soberbas canoas feitas de um só tronco cavado, que às vezes se arrostam pelo alto mar de uma para outras de nossas províncias, e que, remadas a vinte pás por banda, poderiam porfiar em velocidade com a galeota<sup>civ</sup> imperial; para não dizermos com um vapor dos nossos dias; bem como as balsas de molhos de timbó ou periperi<sup>cv</sup>; o que vêm a ser senão remanescentes da indústria selvagem? A humilde canoinha, pouco maior do que uma artesa<sup>cvi</sup> caseira, e tal como ainda hoje a vemos nos sacos e conchas em que remanseiam as nossas pitorescas baías ou caudalosos rios, movida brandamente pela *jacumã*<sup>cvii</sup> do indolente pescador, sentado à popa, e apupando de quando em quando com o rouco búzio *uatapi*<sup>cviii</sup>, ou outra buzina, com que imagina atrair o peixe, da mesma forma que o pastor dos Alpes atrai o seu rebanho<sup>15</sup>. O uso que ainda se faz desta buzina; o emprego do fortíssimo fio de tucum<sup>cx</sup>, adotado de preferência para as linhas de pesca e para a rede puçá<sup>cx</sup>, ou jararé; o uso de tinguíjar<sup>cxii</sup> os rios, e dos jequis<sup>cxii</sup> nos caneiros<sup>cxiii</sup>, tudo foi adotado dos que estavam por esta terra.

O que dizemos da navegação e da pesca com mais razão aplicaríamos à caça, se os colonos não viessem munidos de instrumentos de invenção de recente data, - as armas de fogo; e ainda assim muito teve que aprender do bárbaro o colono caçador, não só para ser mateiro,

---

de Janeiro ao Maranhão, em 1840. E havendo ali canoas de pescadores preferiram os práticos da terra a jangada, como mais segura em tão grosso mar.

<sup>15</sup> O efeito do búzio sobre os peixes não me parece ser imaginário. Os selvagens são grandes observadores da natureza. Eu vi no jardim real de Caserta, em Nápoles, o homem que cuida dos peixes do grande tanque bater com um bastão na borda de pedra desse tanque, e ao som das pancadas virem os peixes receber o alimento que lhes era destinado. Eu mesmo repeti a experiência, mas sendo o meu bastão diferente, e dando um som diverso, poucos peixes acudiram. Ao toque de uma sineta, em Veneza, voam todos os pombos à praça de S. Marcos a receberem o alimento, que ali em certas horas se lhes distribui. Talvez que todo o segredo da ação do búzio sobre os peixes consista em que ao som do *uatapi*, lançassem os Índios punhados de iscas ao mar, com que atribuíam os peixes, habituando-os a esse reclamo; e que ficasse a tradição do búzio, e esquecida a das iscas.

isto é, para saber andar no mato, como para conhecer muitas indústrias especiais da mesma caça, tanto de monteira<sup>CXIV</sup> como de volateria<sup>CXV</sup>.

“Assim forçoso nos é conhecer que a nova indústria se deixou absorver judiciosamente pela dos índios em tudo que tinha de aproveitável. A frequência da rede simboliza ainda o triunfo dos usos que pareceram de todo razoáveis”. (T. 1. p. 171).

## X.

Experiência e práticas científicas dos Índigenas. Perfeição da sua língua.

A estas belas páginas que acabamos de ler e que ainda não dizem tudo, porque a história não entra no interior da vida doméstica e industrial dos povos, podemos acrescentar que descobrimos também entre os índigenas do Brasil conhecimentos científicos, que denotam contínua observação da natureza, transmitidos depois a filhos.

Não era em vão que eles “olhavam para as fases da lua, e alguns a festejavam em certas conjunções”, porque essa observação lhes servia tanto para os plantios, como para o corte das madeiras de que faziam suas enormes canoas, casas, instrumentos músicos, domésticos e de guerra.

É deles a observação confirmada pelos nossos fazendeiros, que as madeiras, para que durem, hão de ser cortadas no minguante, que, se o forem em outro tempo, facilmente empenam e apodrecem. No minguante plantavam a mandioca e os carás<sup>CXVI</sup>, e na lua nova o milho, os feijões e a cana. Augusto de Saint-Hilaire<sup>CXVII</sup> achou essa prática muito seguida na Província do Espírito Santo<sup>CXVIII</sup>, onde há grande cópia de índios; e dela faz menção no tomo 2º página 248 da *Viagem nos Distritos Diamantinos*<sup>CXIX</sup>; mas por engano atribui essas ideias aos agricultores europeus, que, ao contrário, aqui as acharam.

Dos índios é o conhecimento da influência que exercem certas fases da lua na ação de alguns antelmínticos<sup>cx</sup> indígenas, do que afinal se convenceram os nossos médicos práticos, que ao princípio disso zombavam.

Ainda para as grandes pescarias não lhes era indiferente o conhecimento do estado da lua, e como os israelitas e os gregos mediam o tempo pelas suas revoluções periódicas e contavam por anos lunares<sup>16</sup>. E talvez o uso da meia lua de osso polido que ao pescoço traziam pendente fosse pela virtude que a esse astro atribuía, servindo-se como um talismã da sua imagem.

Se não assentassem os nossos cronistas que tudo era ignorância e abusões nos selvagens, teriam recolhido muitas observações curiosas, em vez das superficialidades que notaram. Mas talvez que para mais não chegasse a sua perspicácia.

Vastos e acertados eram os seus conhecimentos médicos e botânicos. Como meios higiênicos usavam metodicamente dos banhos frios, de manhã e de tarde; das sangrias, e do fogo durante a noite em suas habitações térreas; e jamais consentiam impureza sobre seus corpos.

A mudança periódica das suas tabas, o que faz que os julgassem nômades, e que se efetuavam para uma milha distante do lugar, que por algum tempo deixavam reverdecer e expurgar-se, não tinha por fim senão mudar de ares e evitar o desenvolvimento de moléstias endêmicas e epidemias, que se germinam nas impurezas e imundícias de todos os resíduos de um grande acúmulo de gente, em um lugar fixo. Assim na Europa mudam-se os ricos todos os anos da cidade para o campo, e do campo para a cidade, segundo as estações, e só o não faz quem não

---

<sup>16</sup> Ils savent bien ainsi retenir, et conter ages par lunes *Léry*. pag. 100.

E Yves d'Évreux diz – Il n'y a gueres d'Étoiles au Ciel qu'ils ne connoissent: *Voyage dans le Nord Du Brésil*. Cap. XIX

pode. Dos índios é, e não por nós suposta, a razão das suas transferências de domicílio<sup>17</sup>.

Como meios terapêuticos conheciam a eficácia da dieta, das emissões sanguíneas e dos calmantes nas moléstias inflamatórias: dos sudoríficos, diaforéticos e depurativos nas humorais. Tinham específicos e tópicos para todas as moléstias que os afligiam.

Deles passou a toda a Europa civilizada o conhecimento e emprego da quina<sup>cxxi</sup>, da salsaparrilha<sup>cxxii</sup>, da ipecacuanha<sup>cxxiii</sup><sup>18</sup> e do óleo de copaíba<sup>cxxiv</sup>; e a nós outros muitos remédios especiais, como a capeba<sup>cxxv</sup>, a caroba<sup>cxxvi</sup>, o maririçó<sup>cxxvii</sup> e cem outros empregados por todas essas roças; além dos que trazidos ultimamente ao Rio de Janeiro pelo prestante Sr. Muniz<sup>19</sup>, tão mal recompensado, foram analisados e experimentados com grande proveito pelo ilustrado Dr. Silva, lente da nossa escola de medicina, cuja perda chora a ciência, que lhe deveria uma matéria médica toda brasília, se a morte o não achasse mais cuidadoso da ciência, que da sua própria vida. Com que satisfação, eu que apenas o conhecia, aqui lhe consagro estas poucas palavras, em sinal do amor e respeito que tributo a todos os amigos da humanidade. Possa o seu exemplo achar imitadores que completem a sua obra.

---

<sup>17</sup>Si vous leur demandez pourquoi ils remuent si souvent menage; ils n'ont autre reponse sinon dire qu'en changeant ainsi d'air ils s'en portent *mieux*. *Léry, pag. 306*

<sup>18</sup> A ipecacuanha deu nome e riquezas ao Dr. Holandês Adriano Helvetius, avô do filósofo desse nome, que para divulgar o segredo das curas que fazia com essa droga, teve, além de títulos honoríficos, uma gratificação de mil luíses de ouro que lhe deu Luiz XIV, rei da França.

<sup>19</sup> O Sr. Muniz, o homem da natureza, como chamavam, fez a sua custa repetidas viagens pelos nossos sertões, por entre várias tribos selvagens, que sempre bem o recebiam, e, de cada vez que voltava ao Rio de Janeiro, trazia feixes de ervas medicinais de que se servem os indígenas, que lhe ensinavam o caso e o modo de aplicá-las. Desinteressado como os filhos dos bosques, dava a todos, pedindo que as experimentasse; e creio que só o Dr. Silva se deu seriamente a esse estudo. Daí data o conhecimento e aplicação do pau-pereira, da japeganga, do ipê, e da casca do jaquitibá etc, etc. Nunca mereceu do governo o menor sinal de reconhecimento! Igual recompensa teve o ilustre Aires do Casal, do qual, para nossa vergonha, diz augusto de Saint- Hilaire: Casal, au mileu de ses travaux, n'a menagé ni ses forces, ni ses moyens pecuniaires; je ne sache pas qu'il ait reçu des Brésiliens aucune marque de reconnaissance, ni qu'aucun souverain l'ait jamais recompensé. *Voyage dane lês districts dès diamans. T. 2. p. 314*

Não menos que os europeus eram os nossos indígenas apreciadores de bebidas espirituosas; porém mais hábeis do que eles, sabiam-nas fabricar de várias espécies de frutas, raízes e grãos, em falta de vinhas. Pelo que diz o cronista Vasconcelos<sup>cxxviii</sup>: “parece certo que algum deus Baco passou a estas partes a ensinar-lhes tantas espécies de vinhos, que alguns contam trinta e duas”. Entre estes citaremos apenas o do ananás e o do caju, que rivalizam com os melhores do Reno<sup>cxxix</sup> em cor e sabor. É pena que nesta indústria não imitemos aos indígenas e que paguemos um tributo ao estrangeiro por esses seus vinhos falsificados, que não valem os que poderíamos fabricar saborosos e estomáticos<sup>cxxx</sup> de tantas espécies de frutas que possuímos.

Não mostrará ainda invenção e indústria a arte de fazer nascer penas amarelas nos papagaios, arrancando-lhes as verdes e unguindo-lhes a pele nua dizem que com sangue de rãs? A arte de embebedar o peixe e fazê-lo subir à flor d’água, pelo emprego do timbó? A arte de desenvolver o fogo, cravando um pau em outro? A arte de fazer e vidrar os seus vasos de barro; de envernizar e pintar as suas cuias; de lavrar e marchetar de dentes e pedrinhas os seus instrumentos? E de tecer as suas belas redes de algodão, ou de palha?

Eu vi em Nápoles antigos vasos etruscos<sup>cxxxii</sup> desenterrados com o efeito exato das nossas moringas<sup>cxxxiii</sup> de dois bicos; e o embutido das urupemas<sup>cxxxiii</sup> dos selvagens forma o desenho linear a que chamamos grega.

A ideia de extrair um pingue<sup>cxxxiv</sup> e saníssimo<sup>cxxxv</sup> alimento de uma raiz venenosa como é a mandioca, cuja presença na terra definha todas as plantas pela sua exalação, e cuja água mata todos os viventes, decerto que não é coisa que entre pelos olhos! A ideia de convertê-la em farinha por um processo tão simples como engenhoso é tão extraordinária, revela tanta ciência, que os índios mesmos atribuem tão grande invenção a esse afamado Sumé<sup>cxxxvi</sup>, que em épocas remotas lhes ensinara tal segredo,

como os gregos atribuíaam à Ceres<sup>cxvii</sup> o ensino da cultura do trigo. É que o espírito humano, no seu primitivo estado de espontaneidade, não deslumbrado pelo orgulho da ciência, maravilha-se da sua própria obra e nada compreende sem o influxo divino, manifestado em algum ente de espécie superior! Eis por que os poetas invocam a inspiração divina e mais que o comum dos homens confiam na Providência, que em tudo se revela.

As ciências e artes mais úteis aos homens não as ignoravam estes gentios. Muito limitada porém era a sua jurisprudência tradicional, porque lhes faltavam as condições essenciais de toda a nossa complicada jurisprudência, isto é, a propriedade, a cobiça, e a sofistaria.

A língua é tão suave, elegante e copiosa, que, segundo a opinião dos que a cultivaram e gramaticaram, não lhe levam vantagem a grega e a latina. "*Língua (diz Montoya<sup>cxviii</sup>) tan copiosa y elegante, que com razón puede competir com las de fama*" E Simão de Vasconcelos exclama: "Em que escolas aprenderam, no meio dos sertões, tão acertadas regras de gramática, que não falta um ponto na perfeição da praxe de nomes, verbos, conjunções ativas e passivas? Não dão vantagem nisso as mais polidas artes dos gregos e latinos"<sup>20</sup>.

Pelo som e significação de muitos dos seus vocábulos, e formação de palavras compostas, tem ela alguma analogia com a língua de Homero<sup>cxix</sup>. Léry, referindo-se a um intérprete que sabia perfeitamente a língua tupi, atribui essa perícia não só ao ter ele vivido sete ou oito anos no país, como ao saber a língua grega, e acrescenta: da qual esta nação dos Tupinambás<sup>cxl</sup> tem algumas palavras<sup>21</sup>. Pobre nos parece hoje essa língua, à vista dos minguados vocabulários que possuímos; mas os índios exprimiam tudo com facúndia e abundância e nela metrificavam; e confessa Soares que eram copiosos e tinham muita graça no falar.

---

<sup>20</sup>Crônica da Comp. De J.: Liv. 1º § 110.

<sup>21</sup>Dont ceste nation des Toupinamboults a quelques mots. Léry pag. 340.

Não lhes faltavam palavras para designar todas as espécies de animais e plantas, das quais já corrompidas nos servimos, e muitas entraram nos domínios das ciências naturais.

O escritor que acabamos de nomear, mencionando dez espécies de abelhas da terra, as designa com os nomes da língua tupi, os quais explicam algumas das respectivas qualidades; e o mesmo acontece com mil outros indivíduos dos reinos animal e vegetal. E não prova isso estudo da natureza? Em nós seria isso zoologia e botânica, seria ciência.

Toda a diferença desses homens da natureza a nós, filhos da civilização, é a do menos ao mais para alguns. Não havendo entre eles diferenças e graduações de classes e de fortunas, passava a ciência oral a todos, segundo as suas naturais aptidões. Todos tinham igual parte no trabalho e no descanso. Entre nós, pela desigualdade das classes e das posses, estão as ciências, as artes, as indústrias, o mando e a ociosidade repartidas pelos mais afortunados; e a massa bruta, sem saber ler, condenada pela ordem social ao trabalho e à miséria que a materializa, acha-se em pior condição que o selvagem, tanto pelo espírito como pelo corpo, e, por mais ignorante que este seja, nunca é tão estúpido e brutal como a maior parte dos camponeses da Europa<sup>22</sup>.

## XI.

### Cativeiro e emprego da força.

Por amor dessa civilização, que por hora apenas consiste no aumento extraordinário da fortuna de poucos à custa do trabalho insano de muitos, aconselha o nosso historiador o cativeiro dos indígenas pelo emprego da força; ao passo que, com sobeja razão, altamente condena o

---

<sup>22</sup> Ces nations de Amerique, quelques barbares et cruelles qu'elles soyent en vers leurs ennemis, ne sont pas si farouches, qu'elles ne considerent en tout ce qu'on leur dit avec bonne raison... Et de fait quant au naturel de l'homme, je maintien qu'ils discourent mieux que ne font la plus part des paysants, voire que d'autres de par deça, qui pensent estre bien habiles. *Léry. pag. 290.*

cativeiro dos africanos. Mas, neste ponto, parecendo dar armas aos partidistas desse tráfico, ou talvez por não acusar a cobiça dos proprietários de escravos, do que resulta aumento da pátria riqueza, descobre que os africanos foram feitos pela Providência para suportar o cativeiro, dizendo: “Esses povos pertencentes em geral à região que os geógrafos antigos chamavam Negrícia, distinguem-se sobretudo pela facilidade com que suportam o trabalho no litoral do Brasil, facilidade proveniente da sua força física, da semelhança dos climas e não menos do seu gênio alegre, talvez o maior dom com que a Providência os dotou para suportar a sorte que os esperava<sup>23</sup>”.

Se a Providência lhes fez esse dom, prevendo a sorte que os esperava, por que se revolta o historiador contra a ordem providencial, querendo, por uma intervenção caprichosa, a liberdade dos africanos, em troca da dos indígenas nossos conterrâneos, a quem de certo negou Deus as qualidades precisas no escravo? Não me parece esse o melhor método de advogar a justa causa da liberdade desses infelizes. Tampouco não sei se os africanos, vítimas da sua cor, acham o nosso clima igual ao das adustas terras em que nasceram e se o seu gênio é alegre: o que sei é que forçados trabalham pelo medo do castigo; que seu canto é uma lamentação contínua, tão triste como seu aspecto e que nada os regozija tanto como uma carta de alforria.

É de notar que a respeito dos índios reprova o historiador “a mal entendida filantropia dos reis e dos jesuítas, e os demorados meios da catequese”; o seu desejo fora que se empregasse a força, sempre a força, essa soberana razão dos fortes contra os fracos e os abandonássemos à *cobiça de quem os quisesse arrebanhar!*

Essa cobiça arrebanhando criaturas humanas, como se fossem alimárias, assaz tingiu de sangue o vasto continente americano, e assaz revolta a razão e a sensibilidade.

---

<sup>23</sup>Tomo 1º p. 184.

Para justificar o emprego da força em favor da cobiça, esse seu grande meio civilizador, alega tão grave escritor a opinião de prelados e governadores, sem discriminar os meios coercivos que podem acompanhar a catequese do bárbaro meio da força bruta empregada pela cobiça, que não sofre demoras. Mas quando todos os governadores do mundo assentassem ser justa a razão das espingardas em favor da ambição e da cobiça, nem por isso se daria por convencida essa razão divina que nos aclara e que não cedeu à luz das fogueiras da chamada santa inquisição.

Posso enganar-me, como me persuado às vezes que outros se enganam; mas ousou declarar que não simpatizo com as ideias morais e políticas de *História Geral do Brasil* e a não acho imparcial e verídica na parte relativa dos índios e ao modo por que os trataram. Mas se não tenho motivos para vitoriar os seus opressores, não unirei por isso minha voz ao coro dos que os acusam. Em uns e outros respeito os nossos antepassados; a uns e outros devemos o que somos. Bons ou maus, constituem o passado do Brasil; e nenhuma nação conhecida teve mais ilustres fundadores. Decerto nem os indígenas deste continente eram tão ferozes, tão incultos, tão selvagens como os bárbaros do norte da Europa, nem os portugueses tão degenerados como os romanos da decadência.

O que porém não deixa de causar espanto é a parcialidade extemporânea com que se tenta hoje justificar crimes inúteis, que encheram de horror as almas generosas dos próprios compatriotas daqueles maus que os praticavam!

## XII.

Grandes serviços prestados ao Brasil pelos seus naturais.  
Exame de um axioma<sup>cxli</sup> de estatística em relação à população indígena.

Em que estado estaria hoje o Brasil, qual seria a sua população, as suas riquezas, a sua prosperidade e unidade, e, por conseguinte, a sua importância como nação, sem o adjutório imenso dessa multidão de braços indígenas que impediram a sua divisão, expulsando os franceses e holandeses do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco e do Maranhão? Teriam podido as limitadas forças portuguesas só por si tomar uma parte do Brasil à França, e outra parte à Holanda, sem esses milhares de índios que com elas valorosamente combateram? Não, decerto, porque, apesar do reconhecido valor dos portugueses, que a ninguém cede, o número de braços lhe era necessário para lutar com vantagem contra inimigo que dispunha dos mesmos meios bélicos e de maiores forças.

Se o Brasil é hoje uma nação independente; se uma só língua se fala em seu vasto território, em grande parte o devemos ao valor dos nossos indígenas que aos portugueses se ligaram.

Pretendendo o Sr. Varnhagen demonstrar o quanto está hoje o Brasil mais povoado do que no tempo em que começou a sua colonização, verdade de que não duvidamos, nem nos admiramos; e que por conseguinte nem chegariam a um milhão os índios que percorriam nessa época o nosso vasto território, invoca um axioma conhecido da estatística, - que em qualquer país a povoação só toma o devido desenvolvimento, quando os habitantes abandonam a vida errante e nômade, para se entregarem à cultura da terra com habitações fixas. - Como se esse princípio tivesse inteira e contrária aplicação aos primeiros índios<sup>cxlii</sup> brasileiros.

De grande peso fora esse aforismo na balança dos nossos cálculos estatísticos, se os índios não cultivassem a terra e não fossem "tão limpos, gordos e tão formosos que não pode mais ser" como se exprime Caminha; se eles, os árabes errantes e os africanos procriassem menos, e mais do que os nossos fossem seus filhos sujeitos a moléstias e à

morte<sup>24</sup>; se as necessidades materiais dos homens dos bosques, e de modestos pescadores de piscosos mares e rios fossem as mesmas dos luxuriosos habitantes das cidades, quando o que sobeja a cem daqueles não chega às vezes a um só destes; como se o historiador mesmo não citasse o testemunho de Acuña<sup>cxliii</sup>, que faz menção de “uma grande taba ou povoação de uma légua, que forneceu à sua expedição quinhentas fanegas<sup>cxliv</sup> de farinha”, isto é, dois mil alqueires. O que prova quanto os índios agricultavam e fabricavam, não só o necessário para sua subsistência, como ainda o supérfluo para dar ou permutar. E essa grande taba, ou cidade, que não era a única, comunicava-se com outras por caminhos abertos e transitados. Mais uma prova de que viviam em sociedade, com grandes centros de moradas fixas.

Habituamo-nos tanto a considerar os indígenas como selvagens errantes sem lei nem grei, a despeito do que em contrário sabemos que continuamos a raciocinar como se eles, com efeito, assim fossem talvez pelo estado de decadência a que se acham reduzidos os que por esses sertões se refugiaram.

De mais, não é a alimentação que consome a maior parte do produto da terra e esgota as riquezas das nações; é o luxo, esse luxo prejudicial à prosperidade e moralidade das famílias, cancro corrosivo, que faz que venha a terra a faltar às necessidades factícias dos que a não cultivam e às reais dos que mais a regam com o suor de seu rosto.

Em terras, mares e rios tão abundosos, mesmo com pouca cultura, não faltaria sustento para quatro ou cinco milhões de sóbrios habitantes. O que, porém, bem o sabemos, não prova por esse lado a possibilidade de os haver e destrói a base do cálculo contrário.

As regras da estatística, que longe estão de serem axiomas de geometria, dado que mais ou menos certas em geral e abstrato, sofrem,

---

<sup>24</sup> Diz Léry que os índios tinham *como formigueiros* de filhos que eram menos sujeitos a moléstias do que nós, e muitos chegaram até a idade 120 anos.

contudo grandes descontos, por circunstâncias atenuantes, quando se aplicam; e que muito, quando em tal caso também os sofrem as verdades matemáticas!

Ponde em um lugar dez casais de colonos com moradas fixas, roteando e amanhando a terra, para deixar um legado aos filhos, e em outro lugar dois ou três casais de nômades, suprindo o pouco cultivado do solo com a pesca e a caça, e no fim de alguns anos poderão os primeiros, por calamidades diversas, estar todos extintos, e os segundos em grande aumento de família.

Se o nosso historiador, ou alguém, nos soubesse dizer em que época e com quantas famílias começou, no Brasil, a população dos seus indígenas, ou aborígenes, saberíamos então ao justo se eles iam em aumento ou em decréscimo quando aqui chegaram os portugueses. De outro modo é fazer castelos no ar.

Nem presumamos que as guerras dos selvagens entre si, antes dessa época, eram exterminadoras, como depois o foram pela política europeia do açulamento das tribos umas contra as outras, para enfraquecê-las; “no que se punham mais esperanças que em Deus vivo”, como se exprime o venerando Nóbrega<sup>cxlv</sup>. Essas guerras antecoloniais, não movidas pela cobiça e amor de conquistas, não passavam de exercícios guerreiros, escaramuças<sup>cxlvi</sup> e torneios de bravos.

Em geral os naturais da América, tanto os mais como os menos civilizados, não apresentam esse espírito de destruição que assinala a marcha de outros povos. Balbi<sup>cxlvii</sup>, referindo-se às observações de Humboldt<sup>cxlviii</sup>, diz: “os Tolteques<sup>cxlix</sup>, que esse célebre viajante chama elegantemente os Pelasgos<sup>cl</sup> do Novo Mundo, os Chichimeques<sup>cli</sup>, os Nahuatlaques, os Acolhues, os Tlascalteques, e os Asteques fizeram excursões do norte ao sul do novo continente quase contemporâneas às que sucederam na parte ocidental do antigo continente; mas, por uma singularidade bem notável, em vez de levar, como estas, à ruína e à

morte; em vez de sufocar a civilização, as emigrações americanas assinalavam a sua passagem pela cultura, pelas artes, e instituições sociais, de que existem vestígios incontestáveis entre os povos do noroeste. Não menos notável é o fato que a Dinamarca, a Suécia, e a Rússia ainda jaziam na mais profunda ignorância, quando os povos de Anáhuac<sup>clii</sup> tinham já feito grandes progressos na civilização, e representavam brilhante papel entre as nações do Novo Mundo”.

Esta tendência dos povos americanos à civilização, sinal da docilidade do seu caráter mais propenso à conservação que à destruição, não foi desmentida pelos selvagens do Brasil, que facilmente se ligavam aos portugueses, aldeavam-se, e cegamente obedeciam aos jesuítas, à cuja voz abandonavam suas usanças e ritos. Que outros povos selvagens, só pelo influxo da palavra de alguns homens desarmados, constituiriam em poucos anos uma nação pacífica e agrícola, como o afamado império guaraníco<sup>25</sup>?

Não digamos, pois que viviam os selvagens em contínuas guerras, devorando-se uns aos outros, e que essas circunstâncias, bem como a falta de cultura da terra, os impediam de prosperar.

Se o desenvolvimento da população depende da maior cultura da terra e de habitações fixas, também é incontestável que a maior cultura e o *ubi* certo dependem do aumento da população; que é sem dúvida o que obriga a partilha do solo e a fixação do meu e do teu; e por isso tratamos de reforçar a população com a introdução de braços estrangeiros e não queremos esperar o grande milagre de aumento da população só da cultura das nossas terras e das nossas habitações fixas.

---

<sup>25</sup> Este natural pendor dos indígenas do Brasil à civilização foi também notado pelo padre Yves d'Évreux, que entre eles viveu nos anos de 1613 e 1614, e consagrou dois capítulos da sua obra a demonstrar com fatos a grande aptidão dos nossos selvagens para todas as artes e ciências, e prática da virtude; e diz no cap. XVIII “Je tiens qu'ils sont beaucoup plus aisez á civiliser, que le commun de nos Paisans de France”. Voyage dans le Nord Du Brésil, par Yves d'Évreux. Nova edição publicada em Paris em 1864.

Mas, dizer-se que o maior desenvolvimento da agricultura depende do crescimento da população, seria uma verdade palpável e trivial, que salta aos olhos de todos, enquanto que a proposição contrária, que faz proceder a população da cultura da terra, parece um grande achado da estatística, uma dessas verdades transcendentais, fora do alcance do vulgo. O certo é que ambas estas proposições são verdadeiras, como é incontestável que o homem vive porque come e come porque vive.

Não deixaremos as nossas reflexões sem o apoio da autoridade de uma grande inteligência, que deu regras seguras às ciências experimentais: é Bacon de Vérulam<sup>cliii</sup>, que há mais de duzentos anos escreveu e, falando dos Bárbaros que invadiram o império romano, assim se exprime: "Entre estes povos não esperava o homem, para casar-se, adquirir meios de vida, como acontece entre os povos civilizados: a população crescia indiferentemente sem relação aos recursos do país... Coisa análoga sucede na nação Suíça, cujo solo montanhoso e a forma republicana do governo fazem multiplicar muito além dos seus meios de subsistência<sup>26</sup>". Ao que atribui o filósofo a emigração desses povos.

Estas razões atenuantes, senão contrárias ao princípio estatístico de Malthus<sup>cliv</sup>, têm inteira aplicação às tribos brasílicas; crescendo em seu favor a vastidão, fertilidade e alguma cultura da terra.

A propósito desses axiomas de estatística, lembra-me agora ter lido em um afamado historiador que o melhor meio de descobrir o berço do gênero humano é procurar qual foi a pátria do trigo. Isto porque geralmente se crê que o homem e o trigo são oriundos da Ásia. Como se os primeiros homens, em qualquer outra parte do mundo, não pudessem ter nascido e vivido, antes que ali fossem descobrir o trigo selvagem nas montanhas de Caxemira<sup>clv</sup> e no Tibete<sup>clvi</sup>. Se Deus tivesse dado ao gênero humano o Brasil por berço, poderiam os nossos primeiros pais, bem como

---

<sup>26</sup> Lettre au Roi Jacques, sur la veritable grandeur de La Grande Bretagne.

os nossos indígenas, ter vivido séculos à custa de tantas raízes, de tantos frutos e grãos, além da caça e da pesca, sem precisarem do trigo.

Nada podemos saber de positivo acerca da população indígena brasileira, por meio de regras estatísticas. Quantos milhões de europeus e de africanos para o Brasil têm vindo há três séculos! Quantos milhões de crianças aqui têm nascido durante esse longo período! Entretanto a nossa população atual apenas monta a oito milhões de almas, apesar da progressiva cultura das terras e de habitações fixas. Sabemos nós se o resultado não seria relativamente o mesmo, sem todos esses contingentes e condições?

Parecerá talvez absurda esta questão? A morte que faz maior ceifa nos novos vindos, não afeitos ao clima e aos usos da terra, como melhor se viu por ocasião da febre amarela e do cólera-morbo<sup>clvii</sup>; o celibato<sup>clviii</sup>, e as privações a que são condenados os escravos, e quantos por obrigação ou cobiça se votam a ímprobas fadigas, enfraquecem-lhes a fecundidade, impedem a sua propagação, e fazem que o número de Africanos que atualmente possuímos seja muito menor que a soma dos importados e da sua prole aqui nascida durante três séculos.

Diz Balbi que o Brasil, durante muitos anos consecutivos, tirou da África passante de cem mil negros por ano; o que só em vinte anos fazem dois milhões. Mas como esse tráfico começou com a sua colonização, podemos supor sem exageração que em tão longo período nos desse a Negrícia cinco milhões de escravos; e apesar da sua procriação nos nossos climas, não temos hoje um milhão de negros, devendo pelas regras da estatística ter multiplicado a sua prole.

O mesmo há de ter acontecido com os europeus, dos quais muitos trataram primeiro de enriquecer-se para se casarem; outros, depois de enriquecidos, voltaram aos pátrios lares, além dos que sem prole morreram. De modo que o elemento indígena, muito maior no começo da

colonização, multiplicando-se sempre, puro ou mestiço, será o que mais avulta na nossa população, como veremos.

### XIII.

Vários destinos dados aos indígenas. Cálculo aproximativo da quantidade dos que se cristianizaram. O tipo indígena atualmente.

Grande parte tomaram os selvagens na cultura das nossas terras e grande apoio prestaram às nascentes povoações, núcleos de quase todas as nossas cidades e vilas. O historiador porém parece atenuar esses relevantes serviços quando diz: "As nossas povoações e cidades têm crescido há três séculos com os milhões de braços vindos d'África"<sup>27</sup>.

Se assim fosse, estimaríamos que não tivessem crescido tanto, porque, além do horror que nos inspira qualquer prosperidade devida a um crime, essa escravaria africana concorre tanto para o nosso aumento e moralidade, como os maus alimentos concorrem para a manutenção e saúde do corpo.

Mas quantos centenários de braços indígenas, tirados à nossa lavoura, foram, no princípio, vendidos e expatriados em troca desses africanos, trabalhar em outras possessões portuguesas de além-mar?

Os donatários eram autorizados "a cativar gentios para o seu serviço e de seus navios, e a mandar d'eles a vender à Lisboa até trinta e nove cada ano, livres de sisa"<sup>clix</sup>.

Quantos mais, além desses, mandariam, donatários e colonos, pagando a sisa? Que abuso se não faria dessa autorização, fácil e pingue fonte de riqueza em que se saciava a gana dos particulares com proveito da mãe-pátria, e que explica o furor e a vingança dos indígenas, traídos e arrancados dos seus tejupares?

---

<sup>27</sup> Tom. 1º. p. 97.

O nosso historiador cita um pedido de Duarte Coelho para mandar à metrópole um certo número de escravos, livres de sisa, e diz que não sabe se índios ou africanos. Pois o donatário havia de reexportar africanos para Lisboa, donde eles vinham e onde se vendiam por melhor preço que no Brasil? Claro está que eram índios, além daqueles que podia mandar isentos da sisa que os demais pagavam.

Ao mesmo tempo que vinham mais estúpidos e submissos escravos africanos para o Brasil, iam daqui os índios servir em Portugal e trabalhar nas suas colônias das ilhas da Madeira<sup>clx</sup> e do Cabo Verde<sup>clxi</sup>.

Era então Lisboa um grande mercado de escravos, onde todos davam entrada para o pagamento da sisa. Testemunha de vista, Nicolau Clenard<sup>clxii</sup>, que foi mestre do Infante D. Henrique<sup>clxiii</sup>, diz em uma de suas cartas: "Creio que há em Lisboa maior número de mouros e negros, que de brancos ... Há viveiros de escravos em todas as casas".

Apesar desse desfalque e escoamento da população indígena do Brasil, sem falar da mortandade da guerra que se fazia aos índios para preá-los e cativá-los, da quebra na sua procriação, tanto por essas desordens, como pelas correrias e desassossego em que foram postos; ainda ficaram milhares e milhares de braços índios em todas as províncias, para rotear os bosques, remar as canoas, roçar as terras, trabalhar nos engenhos, abrir estradas e servir em todas as casas; e não nos apresenta a história uma só ação, um só feito grande ou pequeno, sem o eficaz apoio dos indígenas em triplicado número dos europeus: e muitas vezes vemos oito ou dez mil índios debaixo das ordens de quatrocentos portugueses, sem que destes recebessem a menor recompensa. Gabriel Soares, tão abonado pelo Sr. Varnhagen, que dele nos deu uma castigada edição, diz-nos com toda a sinceridade: "E por outra parte mantém-se este gentio com nada, e anda logo dois e três dias sem comer; pelo que os que são escravos dão pouco trabalho aos seus

senhores pelo mantimento, antes eles mantêm os senhores, fazendo-lhes suas roças, e caçando, e pescando ordinariamente<sup>28</sup>”.

Quem assim fala era português e fazendeiro e tinha escravos gentios.

Para se apreciar aproximativamente a quantidade do elemento indígena que se incorpora na atual população do Brasil, e a sua proporção com os outros dois elementos, europeu e africano, basta considerar que além dos milhares de índios que trabalhavam e guerreavam em serviço de centenas de colonos europeus, que todos possuíam muitos desses cativos, só as missões de jesuítas da Bahia, desde aquela cidade até Camamu, elevavam-se a dez, no tempo de Mem de Sá<sup>clxiv</sup>; e missão havia que contava cinco mil neófitos<sup>clxv</sup>; e escolas em que havia trezentos piazzinhos sabendo ler e escrever, como o refere o Sr. Varnhagen, escorado na autoridade do próprio governador Mem de Sá.

“Dizia-se talvez exageradamente, que passava de trezentos mil índios que vieram presos para S. Paulo desde 1614 até 1639”. Sem contar os da província, tanto das missões como dos particulares.

O governador Pedro Salema<sup>clxvi</sup>, investindo uma vez contra os Tamoios do Cabo-Frio, recolheu-se ao Rio de Janeiro com oito ou dez mil prisioneiros, que, naturalmente, como era uso, se repartiram pelos que o auxiliavam nessa empresa, e foram de grande reforço à povoação da futura capital do Império.

Pois que falamos nos Tamoios do Rio de Janeiro, lembraremos que tão numerosa era essa tribo, e tão povoada esta parte do Brasil em 1557, que Léry nomeia vinte e duas *tabas* ou vilas como lhes chama, onde estivera e mercadejara só nas margens do Guanabara, além de outras muitas mais centrais; e entre as maiores, a de nome *Ocaranten* mereceu-lhe o título de bela e grande vila, *beau et grand village*.

---

<sup>28</sup> Gabriel Soares, p. 318.

O cronista Vasconcelos nomeia um grande número de chefes selvagens, que, cristianizados, se tornaram célebres e afamados pelos serviços que prestaram à causa da civilização: "Todos famosos, diz ele, e principais de grandes povos; dos quais se afirma, punha em campo cada qual deles de vinte até trinta mil arcas: que foram grande presídio nosso nas capitanias de Itamaracá<sup>clxvii</sup>, Paraíba e Rio Grande, &c.<sup>29</sup>"

"Os loyolistas<sup>clxviii</sup> na época da extinção regiam dezenove aldeias de índios sobre as margens do Amazonas e seus confluente, onde os capuchinos<sup>clxix</sup> tinham quinze, os carmelitas<sup>clxx</sup> doze, os mercenários<sup>clxxi</sup> cinco; como lemos em Aires do Casal<sup>clxxii</sup>, a quem parece pouco seguro o jesuíta André de Barros<sup>clxxiii</sup>, quando pretende persuadir-nos que os seus colegas regiam trinta e oito aldeias com quarenta mil índios batizados, além de vinte e quatro outras em que se estavam ainda catequizando em 1661".

Recorremos a estas tão modestas como incompletas informações, porque de propósito não queremos citar a autoridade de Américo Vespúcio<sup>clxxiv</sup> e do padre Vieira<sup>clxxv</sup>, que decidiram logo a questão em nosso favor, visto que escritores modernos, sem outro fundamento mais que certas regras de estatística, a que atribuem evidência e infalibilidade matemática, duvidam da veracidade do testemunho dos que elevam a milhões os índios que povoam o Brasil na época do seu descobrimento. Sem que neguemos o valor relativo dessas regras gerais de estatística, atrás fica demonstrado que elas não se opõem às asserções dos que avultam a população dos índios. E se não se opõem, como evidente parece, resta a simples questão de fato; e neste ponto, se dermos hoje por suspeitos os escritores mais conspícuos e ilustrados e não interessados em ocultar o número de seus escravos e de suas vítimas, não teremos outro recurso senão conjecturar, à vista dessas notícias esparsas, dadas sem malícia.

---

<sup>29</sup> Crônica a Comp. De Liv. 2. § 2.

Se pudéssemos ir por todas as Províncias do Império, contando as aldeias, e numerando os índios cristianizados e domesticados, em serviço das cidades, vilas, fazendas, navegação, execuções militares em prol da civilização, veríamos o quanto em maior cópia se fundiram na atual população do Brasil, multiplicando-se sempre mais que os outros dois elementos. Os caracteres físicos do grosso da nossa gente assaz revelam a sua origem indígena, com especialidade nas províncias do norte e centrais, onde mais puro se conserva esse tipo. Nas províncias do Sul, os descendentes das numerosas tribos guaranis e tapes em pouco ou nada se distinguem hoje dos europeus, a não ser pelas suas formas atléticas.

Se os colonizadores seguissem o exemplo dos padres da companhia, que também dos índios se serviam com muito proveitos, se imitassem ao menos aos franceses, que os tinham por amigos, se não quisessem ávidos enriquecer-se do pé para mão, teriam dispensado os braços africanos, importados pela sórdida cobiça e pagos com o sangue indígena; maior quantia de índios se teriam cristianizado sem tanta carnificina e mais aumentada estaria hoje a nossa população, sem a escura mescla da raça de Cam<sup>clxxvi</sup>, cuja maldição como que recai sobre o seu próprio trabalho, em maior dano dos que a escravizam. Não teria mesmo faltado aos colonos quem os servisse como cativos, transmissíveis com a gleba, porque, a despeito de todas essas tardias declarações de liberdade dos índios, dizia do púlpito o padre Vieira: “No Brasil, sendo todos os naturais, não só por natureza, mas por repetidas leis, isentos do cativoiro, os avós morrendo os deixam por cativos aos filhos, e os pais morrendo aos netos<sup>30</sup>”.

O Sr. Varnhagen, atenuando o mais que pôde o elemento indígena da nossa população, para atribuir o seu desenvolvimento à civilização e à cultura da terra por braços estrangeiros, diz, contudo: “A gente de origem europeia, posta em contato com a da terra, não a extinguiu, absorvendo-

---

<sup>30</sup> Sem. 4º Xavier acordado.

a, amalgamou-se com ela. Tal é a verdadeira razão por que de nossas províncias desapareceu quase absolutamente o tipo índico<sup>31</sup>”.

Esse amálgama de proporções tão desiguais, no princípio, não fez, nem podia fazer desaparecer o tipo predominante pela quantidade, que ainda hoje é o mais geral, e cujas fontes, não extintas em nossos bosques virgens, ainda defluem para os nossos povoados e engrossam as fileiras do nosso exército e a chusma da nossa marinha. O historiador reconheceria esse tipo sem dificuldade, se em vez de conjecturar do seu gabinete, viajasse pelo interior das nossas províncias. Mas a religião, a língua, as leis, os novos hábitos sociais e o esquecimento do passado, fazem que todos se julguem brasileiros, sem indagar a sua origem, que não sendo questão política, mas de simples curiosidade histórica, pede ser tratada sem paixão e sem preconceito.

Se os europeus que no Brasil vieram tentar a sorte, ou aqui ficassem, ou abastados regressassem aos pátrios lares, procriaram, e deixaram descendentes mestiços e não mestiços, que hoje ignoram a sua origem obscura; não menos procriaram os indígenas livres e servos, em relação correspondente ao seu maior número e indiferença às riquezas, ao dote, a às comodidades factícias da vida; e muitos dos nossos homens mais ilustres e titulares blasonam dessa origem que nada tem de vergonhosa.

#### XIV.

#### Conclusões históricas.

Não há hoje a menor razão por que desconheçamos a importância da parte indígena na população do Brasil; e menos ainda para que apaixonados declamemos contra selvagens, que por direito natural defendiam sua liberdade, independência e as terras que ocupavam.

---

<sup>31</sup> Tom. 1º pag. 204.

Pacíficos e hospitaleiros ao princípio, provocados se enfureceram e retribuíram o mal com o mal. Assim fazem todos os homens. Seus erros, seus crimes, suas crueldades não nos espantam, se bem o lamentemos: porque a história das nações civilizadas da Europa habituou-se a maiores horrores, a maiores atrocidades, de que pasmariam os nossos selvagens, não atormentados pela sede da cobiça e do mando, que perverte e corrompe o coração do homem. E entre os que matam para escravizar, dominar e enriquecer-se e os que matam e morrem, pugnando pela própria vida e liberdade, pende a justiça em favor dos segundos, que mais despertam o sentimento do belo moral, nunca de sobra no afã vulgar da vida.

Por isso é que os feitos dos indígenas oferecem argumento simpático à nossa poesia nacional. E como bem notou o Sr. Odorico Mendes, “os selvagens, rudes e de costumes quase homéricos, podem prestar belos quadros à epopeia”<sup>32</sup>. O parecer de tão abalizado crítico, que nos deu Virgílio<sup>clxxvii</sup> em português, e luta para interpretar Homero, é de tanto peso, que decide só por si qualquer dúvida. Feliz me julgo de pensar como ele, que sabe o que é uma epopeia.

De mais, a terra é quem dá a nacionalidade a seus filhos, e não as raças adventícias que a povoam, e dessa nacionalidade não são excluídos os que primeiro aqui nasceram antes dos filhos dos seus conquistadores.

Sei com o Sr. Varnhagen “quanto cumpre na história não desculpar os erros, e quanto os exemplos que nos levam a aborrecer o vício são quase de tanta instrução como os que nos fazem enamorar das ações virtuosas”; e por isso mesmo lembra-me que não corrompem tanto os maus exemplos dos povos incultos, como os dos que se dizem civilizados, e tenho como grave erro atenuar os crimes destes com o reparo de que “esses heróis da antiguidade, que em geral só contemplamos pelo aspecto maravilhoso, também praticaram muitas crueldades, e muitas injustiças”.

---

<sup>32</sup> Virgílio Brasileiro. Notas às Bucólicas, pag. 72.

Sim; mas esses heróis não eram cristãos; religião e séculos deles nos separam. Nós os não admiramos hoje pelos seus crimes históricos, mas pelas virtudes com que os saneou a poesia, que cria o seu herói; e esse privilégio não compete à história. Imitá-los hoje na sua prosaica crueldade só prova que os homens movidos pela ambição e levados da cobiça se metamorfoseiam em feras contra os seus semelhantes mais fracos.

O Sr. Varnhagen, que tem justos títulos à nossa gratidão, não julga ofender a pessoa alguma, manifestando com franqueza as suas opiniões, contrárias às de outros que diversamente pensam: não há de pois ofender-se que com igual franqueza exprimamos as nossas convicções em questão puramente histórica e filosófica; convicções corroboradas pela atenção com que lemos o seu livro, a que damos todo o valor devido.

As obras vulgares, como os abortos, nascem por assim dizer já mortas; são logo enterradas para sempre sem que mais se pense nelas; mas as que nascem viáveis e têm futuridade, podendo influir sobre os nossos juízos, pedem sério exame: tanto mais quando felizmente vivem os seus autores e podem melhorá-las.

Em conclusão destas observações diremos que, se compararmos estes selvagens com os homens eminentes dos povos cultos e os da classe média, a vantagem é toda destes. Mas se os compararmos a essa imensa população ignara e embrutecida da Europa, em que o hábito da miséria, da obediência, da servidão e do rude trabalho da terra sem descanso e sem lucro suficiente para matar-lhe a fome, extingue pouco a pouco todos os nobres sentimentos, e a ideia mesmo de que são homens; a vantagem é toda dos nossos selvagens, que, na independência do seu caráter, na força da sua vontade, na altivez do seu espírito e no garbo do seu porte, conservam todos os belos atributos da espécie humana.

Vimos selvagens, apenas saídos dos matos, vestidos em um dia à nossa maneira, afazerem-se de repente aos nossos costumes e, à exceção da língua, ninguém os tomaria por incultos filhos dos bosques.

Quando estive no Maranhão em 1840, como secretário do governo, veio à cidade uma porção de índios guajajaras<sup>clxxviii</sup>, com o seu chefe de nome Maracapé, que pouco mais teria de 30 anos, trazidos por um guia que os levou ao palácio do Governo. O Presidente, que então era o marquês de Caxias<sup>clxxix</sup> e desejava aldeá-los no Pindaré<sup>clxxx</sup>, mandou-os logo vestir com mais asseio, e deu ao chefe um velho uniforme militar; assim ornado com elegância, o colocou à sua mesa. Fazia gosto vê-lo com que dignidade natural, sem o menor constrangimento, comia de garfo e faca e com que fineza nos observa para imitar-nos. Notando que todos os convivas, antes de beber o primeiro cálice de vinho, faziam uma saúde ao General Presidente, tomou ele o seu copo pelo pé, levou-o à altura do peito, murmurou um som, e, inclinando a cabeça para o Presidente, bebeu o seu vinho e logo após enxugou os lábios com o guardanapo. Não cessávamos de admirar a inteligência e perspicácia desse selvagem tão senhor de si, que por nenhum ato parecia estranho à sociedade em que pela primeira vez se achava.

Em geral os nossos índios são dotados de grande instinto de observação e de imitação, com facilidade aprendem todas as artes, são muito afeiçoados, e tendem sempre a ligar-se conosco, e, sem a perseguição a ferro e fogo que os afugenta dos centros civilizados, estariam hoje todos fundidos na nossa população.

Pela religião e pela música, de que são amantíssimos os indígenas, por meios brandos, e algumas dádivas de instrumentos agrários e de avelórios, fácil nos fora atraí-los e aldeá-los, se, em vez de contratar Barbadinhos para catequizar as viúvas das nossas cidades, tratássemos seriamente de catequizá-los e chamá-los à civilização e ao cristianismo. Se eles nos não dessem logo muitos braços à lavoura e à nossa marinha,

dariam seus filhos, já sujeitos às nossas leis e falando a nossa língua e nós cumpriríamos assim um dever que nos impõem a religião, a moral, a civilização e o patriotismo.

É uma dívida sagrada, contraída pelos nossos maiores, e por nós, que em pleno gozo estamos das terras tomadas aos pais desses infelizes, que privados hoje do litoral, e dos mares e rios que navegavam, vivem separados, em pequenos grupos, sem comunicação entre si, embrenhando-se cada vez mais e sem meios para se aperfeiçoarem, se os não socorrermos.

Esta empresa não seria difícil, inglória e sem vantagens, se na sua execução se calculasse menos o proveito imediato, que deve ser o resultado natural, e não o móvel de uma boa ação. Mas os espíritos, dominados pelas ideias egoísticas do tempo, estão mais que nunca voltados a empresas de pronto lucro e acham mais fácil e proveitoso mandar vir colonos do refugio da Europa, ao tirá-los, ao menos uma porção, dos nossos bosques.

A razão, como sempre, tarde e fora de tempo será ouvida.

---

<sup>i</sup> Quem faz elogio, elogiador.

<sup>ii</sup> Injúria.

<sup>iii</sup> Partido; ou pode-se considerar um conjunto de súditos ou povo, nação.

<sup>iv</sup> Guerreiras lendárias que, na Antiguidade, teriam vivido às margens do mar Negro e que possuíam grande espírito bélico e viril. Segundo a lenda, queimavam o seio direito para tornar mais fácil o uso do arco.

<sup>v</sup> Sacerdote jesuíta que viveu no Brasil, no século XVII e pregava para os Índios.

<sup>vi</sup> Filósofo inglês e ideólogo do liberalismo que viveu no século XVII.

<sup>vii</sup> Pastor e escritor francês.

<sup>viii</sup> Foi um filósofo do Iluminismo e precursor do Romantismo, também foi um teórico político e compositor autodidata suíço.

<sup>ix</sup> Filósofo e escritor francês.

<sup>x</sup> Militar, diplomata e historiador brasileiro.

<sup>xi</sup> Personagem bíblico que teria sido o primeiro homem.

<sup>xii</sup> Comandante militar, navegador e explorador português.

<sup>xiii</sup> Navegador e explorador genovês, responsável pela frota que descobriu o continente americano.

<sup>xiv</sup> Segundo a tradição bíblica é o local onde Deus criou Adão e Eva.

<sup>xv</sup> Civilização Antiga considerada o maior império da América pré-colombiana.

<sup>xvi</sup> Cidade do Peru, capital de uma província de mesmo nome.

- 
- xvii Sítio arqueológico pré-colombiano situado na Bolívia.
- xviii Sítio arqueológico localizado na Guatemala.
- xix Tulla ou Tula, antiga capital do Estado Tolteca. Seu nome original era Tollan-Xicocotitlan.
- xx Considerada a capital do Império Asteca durante o período Pós-Clássico da Meso-América, está situada onde hoje é a Cidade do México.
- xxi Pertenceu à América pré-colombiana, considerada a primeira cidade Tolteca.
- xxii Cidade antiga situada no México.
- xxiii Padre da Ordem dos Franciscanos e primeiro bispo espanhol.
- xxiv Segundo a tradição, o califa Omar teria ordenado o incêndio da famosa Biblioteca de Alexandria.
- xxv Civilização Antiga que viveu no território onde hoje se situa o México.
- xxvi Capital do Equador.
- xxvii Historiador peruano do final do século XVI e início do século XVII.
- xxviii Geógrafo, naturalista e explorador alemão.
- xxix Irlandês que quis provar que os povos indígenas foram uma Tribo Perdida de Israel.
- xxx Morador, habitante.
- xxxi Escritor português encarregado de ser escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral.
- xxxii Município situado no estado da Bahia. Foi o local de chegada dos portugueses no Brasil, em 1500.
- xxxiii Relativo a habitante do céu.
- xxxiv Foi uma província do Norte Atlântico de Portugal.
- xxxv Aldeia indígena.
- xxxvi Padre da Companhia de Jesus, um dos primeiros a ser catequista no Brasil.
- xxxvii Cidade onde ocorreu a famosa Guerra de Tróia, descrita na *Ilíada*, poema épico atribuído a Homero.
- xxxviii Nome dado aos últimos reis de Roma devido ao seu sobrenome.
- xxxix Relativo aos habitantes de Lacedemônia, também conhecida como Lacônia, unidade regional da Grécia cuja capital é Esparta.
- xl Gabriel Soares de Sousa, estudioso e historiador do Brasil.
- xli Poeta britânico que influenciou o Romantismo.
- xlii Posição filosófica que aceita a existência e natureza de Deus.
- xliii Foi o 113º Papa da Igreja Católica Romana.
- xliv Terceiro rio mais longo da Itália.
- lv Universo.
- lvi MAGALHÃES. Domingos José Gonçalves de. *Fatos sobre o Espírito Humano*. Paris, 1858; Rio de Janeiro, 1865.
- lvii Divindade mitológica.
- lviii Figura do folclore brasileiro. Trata-se da entidade das matas.
- lix Deus da mitologia guarani descrito como demônio ou espírito mau.
- I Nome que os índios tupis da América do Sul davam aos espíritos que vagavam pela terra após a morte, atormentando os viventes.
- II Pessoa de destaque nas tribos indígenas; são curandeiros, tidos como portadores de poderes ocultos ou orientadores espirituais.
- III Palhoça de índios menor que uma oca, choupana.
- iiii Clérigo jesuíta do séc. XVII. Escreveu importantes obras históricas sobre a América Portuguesa.
- lv Na mitologia grega os Campos Elísios se aproximam da concepção do Paraíso cristão.
- lv Nome do senhor das trevas. Satã.
- lvi Oposto de Ahriman, para os persas Ahriman e Oromase equivalem a Jeová e satã entre os hebreus.
- lvii Entre os indígenas do séc. XVI, falantes do tupi antigo, feiticeiro indígena.
- lviii Aquele que mendiga, que pede esmola.

- 
- lix Chocalho indígena utilizado em festas e cerimônias religiosas e guerreiras.
- lx Foi um movimento de caráter dogmático que se desenvolveu principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII, em reação a certas doutrinas e práticas da Igreja Católica. O nome se deve às ideias do bispo Ypres Cornelius Jansen.
- lxi Escritora britânica.
- lxii Escritor e pensador inglês.
- lxiii Que tem vergonha.
- lxiv Conseguir algo através de um pedido humilde.
- lxv Estado de quem se encontra sem ânimo, sem forças para lutar e reagir; desânimo, desalento.
- lxvi Comuna italiana da região da Campania, província de Nápoles.
- lxvii Fluído produzido pelo fígado.
- lxviii Comportamento indelicado; acidez, aspereza.
- lxix Rigidez de princípios morais.
- lxx Filósofo pré-socrático.
- lxxi Filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão.
- lxxii Natural ou habitante de Tiro, na Antiga Fenícia onde hoje é o Líbano.
- lxxiii Natural ou habitante do Cartago, cidade antiga que disputava com Roma o controle do Mar Mediterrâneo.
- lxxiv Conjunto de população celta que habitava a Gália, onde hoje é a França, a Bélgica e parte da Itália.
- lxxv Júpiter é o deus romano do dia, identificado com o deus grego Zeus. Tonante quer dizer aquele que troveja.
- lxxvi Padre jesuíta autor de uma das primeiras gramáticas da língua Tupi, denominada *Arte da Língua Brasília*.
- lxxvii Nobre e militar português.
- lxxviii Animal de estimação.
- lxxix Orixá associado à criação do mundo e da espécie humana.
- lxxx Nobre português, navegador e militar. Irmão mais velho de Martim Afonso de Sousa.
- lxxxi Cidade localizada no oeste da Suíça.
- lxxxii Teólogo e um humanista neerlandês.
- lxxxiii Que mostra desamor, desafeiçoado.
- lxxxiv Abismo, inferno. Precipício onde se jogavam os criminosos em Atenas.
- lxxxv Matemático, teórico político e filósofo inglês.
- lxxxvi Foi Capitão-donatário da Capitania de Porto Seguro.
- lxxxvii Administrador colonial português. Foi o primeiro Capitão-donatário da Capitania de Pernambuco e Fundador de Olinda.
- lxxxviii Antigo aparelho fotográfico inventado por Daguerre (1787-1851), físico e pintor francês, que fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre.
- lxxxix Frade franciscano francês, explorador, cosmógrafo e escritor que viajou ao Brasil no século XVI.
- xc Significa responsável pela criação do céu, na língua Tupi.
- xcI Na língua Tupi quer dizer criador.
- xcii Alma, abrigo.
- xciii Poeta, crítico literário, filósofo e tradutor alemão.
- xciv Naturalista e antropólogo francês.
- xcv Naturalista francês que desenvolveu a teoria dos caracteres adquiridos, uma teoria da evolução atualmente desacreditada.
- xcvi Prato da culinária brasileira, de origem indígena e africana. O seu preparo é feito com as folhas da mandioca.
- xcvii Planta comestível e usada para fazer caldos.

- 
- <sup>xcviii</sup> Hortaliça cuja origem não se sabe se é brasileira ou africana, era cultivada pelos índios.
- <sup>xcix</sup> Planta herbácea, com folhas grandes, variando da cor verde ao roxo-escuro. Foi introduzida no Brasil pelos portugueses e tem origem asiática.
- <sup>c</sup> É um cipó trepador muito conhecido no norte do Brasil.
- <sup>ci</sup> Espécie de vaso de barro ou metal, de bojo largo e gargalo, com duas asas.
- <sup>cii</sup> Grande embarcação alterosa, resistente, rápida e de boa estabilidade, com dois mastros de velas bastardas.
- <sup>ciii</sup> Embarcação indígena rasa, de pequenas dimensões e fundo chato, talhada em casca de árvore e com pequeno soerguimento da bordadura, proa e popa.
- <sup>civ</sup> Barco comprido movido a remo.
- <sup>cv</sup> Nome de uma planta.
- <sup>cvi</sup> Amassadeira de pão em forma de caixote mais estreito na base.
- <sup>cvi</sup> Espécie de pá indígena que serve de remo ou leme de uma canoa.
- <sup>cvi</sup> Espécie de trombeta indígena feita de concha.
- <sup>cix</sup> Comum a várias palmeiras nativas do Brasil e de países vizinhos, com folhas das quais se extraem fibras, conhecidas como fibra de tucum.
- <sup>cx</sup> Rede em forma cônica montada em um aro para capturar crustáceos.
- <sup>cx</sup> Lançar tinguí ou timbó em água de rio ou lagoa para envenenar peixes.
- <sup>cxii</sup> Cesto oblongo para pesca.
- <sup>cxiii</sup> Pequeno canal, geralmente para escoar águas.
- <sup>cxiv</sup> Indivíduo que caça nos montes.
- <sup>cxv</sup> Arte ou técnica de caçar com falcões ou outras aves, ou conjunto de aves caçadas.
- <sup>cxvi</sup> Designação comum a diversos peixes encontrados em rios e lagos.
- <sup>cxvii</sup> Foi um botânico, naturalista e viajante francês.
- <sup>cxviii</sup> Foi uma província do Império do Brasil criada a partir da Capitania do Espírito Santo em 1821.
- <sup>cxix</sup> SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia. 2004 [1830]. 235 p.
- <sup>cxx</sup> Refere-se ao que combate verme. (termo usado para substância ou produto).
- <sup>cxxi</sup> Árvore pequena, nativa do Brasil e que exsuda látex aquoso, esverdeado e amargo, usada contra a malária.
- <sup>cxvii</sup> Comum às plantas com raízes aromáticas, usadas como tempero ou como medicinais.
- <sup>cxviii</sup> Planta nativa do Brasil, de raízes com propriedades eméticas, expectorantes e antidisentéricas.
- <sup>cxviii</sup> Comum às árvores do gênero *Copaifera*, da família das leguminosas, nativas do Brasil, de boa madeira, e cujo córtex encerra óleo medicinal.
- <sup>cxv</sup> Planta de folhas elípticas ou ovadas, nativa do Brasil. É usada contra os males do fígado.
- <sup>cxv</sup> Árvore nativa do Brasil, de folhas compostas, flores campanuladas azul-violáceas e frutos capsulares; a madeira é própria para marcenaria e a casca é adstringente.
- <sup>cxvii</sup> Também chamado bariricó, é uma erva nativa do Sudeste do Brasil, com várias subespécies usadas como purgativo.
- <sup>cxviii</sup> Foi um clérigo jesuíta do século XVII. Escreveu importantes obras históricas sobre a América Portuguesa.
- <sup>cxix</sup> O Reno é um dos mais importantes rios da Europa. Magalhães, no texto, refere-se aos vinhos brancos produzidos em regiões da Alemanha banhadas por esse rio.
- <sup>cxx</sup> Medicamento usado no tratamento contra afecções da boca.
- <sup>cxxi</sup> Relativo a ou natural ou habitante da Etrúria, antiga província italiana, atual Toscana.
- <sup>cxxii</sup> Vaso de barro bojudo e de gargalo estreito usado para acondicionar e conservar fresca a água.
- <sup>cxxiii</sup> Espécie de peneira de palha em que se passa, por exemplo, a farinha de mandioca.

---

cxixiv Gota de gordura.

cxixv Extremamente são.

cxixvi Personagem mítico indígena que, segundo os silvícolas, teria aparecido misteriosamente entre eles, ensinando-lhes a agricultura, e que ao fim, desgostoso com os homens, teria desaparecido com igual mistério. Foi identificado pelos jesuítas e pelos primeiros cronistas como são Tomé.

cxixvii Na mitologia romana era deusa das Searas, a qual ensinou aos homens a arte da agricultura.

cxixviii Sacerdote jesuíta peruano que escreveu a primeira gramática escrita da língua guarani.

cxixix Poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

cxli Tribo indígena.

cxlii Premissa considerada necessariamente evidente e verdadeira, sem a necessidade de ser demonstrada.

cxliii Habitantes.

cxliiii Pode se referir ao padre jesuíta espanhol Cristóbal de Acuña.

cxliv Medida para cereais equivalente a 100 kg.

cxlv Sacerdote jesuíta português, chefe da primeira missão jesuítica à América.

cxlvi Briga com pouca importância.

cxlvii Pode se referir a Adrien Balbi, autor de estudos geográficos sobre Portugal.

cxlviii Geógrafo, naturalista e explorador alemão.

cxlix Referência aos Toltecas, cultura da meso-América originária no México.

cl Relativo a ou indivíduo dos Pelasgos, denominação dada pelos gregos antigos ao povo pré-helênico que teria ocupado a Grécia e a Itália antes do século XII a. C.

cli Nome genérico dado pelos astecas a vários povos seminômades que habitavam o norte do que é hoje o México, com o mesmo sentido do termo europeu bárbaros. Os termos que seguem também designam povos pré-colombianos da América Central e do Norte.

clii É um nome antigo dado às áreas dentro do Vale do México.

cliii Filósofo inglês.

cliv É considerado o pai da demografia por sua teoria para o controle do aumento populacional, conhecida como malthusianismo.

clv É uma região do norte do subcontinente indiano, hoje dividida entre a Índia e o Paquistão. Uma parte foi anexada pela China.

clvi Região de planalto da Ásia, um território disputado situado ao norte da cordilheira do Himalaia.

clvii Doença infecciosa aguda que se transmite pela água.

clviii Isolamento.

clix Imposto de transmissão *inter vivos*.

clx Arquipélago situado no Oceano Atlântico a sudoeste da costa portuguesa.

clxi Arquipélago situado no Oceano Atlântico.

clxii Gramático e viajante; tornou-se professor de latim.

clxiii Foi um infante português do início da era das descobertas, popularmente conhecido como *Infante de Sagres* ou *O Navegador*.

clxiv Fidalgo e administrador colonial português. Irmão do poeta Francisco Sá de Miranda.

clxv Pagão recém-convertido ao cristianismo; cristão-novo.

clxvi Foi nomeado governador de São Tomé e depois do Rio de Janeiro.

clxvii É uma ilha no litoral do estado de Pernambuco.

clxviii O mesmo que jesuíta. Esse nome tem origem no sobrenome do fundador da Companhia de Jesus "De Loiola".

clxix Uma Ordem formada pela reforma da Ordem Franciscana da Igreja Católica.

clxx Ordem religiosa católica que surgiu no final do século XI.

<sup>clxxi</sup> Aquele que age ou trabalha apenas por interesse financeiro, por dinheiro ou algo que represente vantagens materiais; sem nenhuma fidelidade a um estado ou nação.

<sup>clxxii</sup> Foi um sacerdote, geógrafo e historiador português, que viveu durante muitos anos no Brasil, escrevendo o primeiro livro de edição brasileira, em 1817.

<sup>clxxiii</sup> Foi um padre da companhia de Jesus, escritor e orador.

<sup>clxxiv</sup> Foi um mercador, navegador, geógrafo e explorador de oceanos ao serviço do Reino de Portugal e da Espanha.

<sup>clxxv</sup> Foi um religioso, filósofo, escritor e orador português da Companhia de Jesus.

<sup>clxxvi</sup> Um dos filhos de Noé.

<sup>clxxvii</sup> Poeta romano clássico, autor de três grandes obras da literatura latina, as *Éclogas*, as *Geórgicas*, e a *Eneida*.

<sup>clxxviii</sup> É um dos povos indígenas mais numerosos atualmente no Brasil. Habitam terras indígenas situadas no estado do Maranhão.

<sup>clxxix</sup> Luís Alves de Lima e Silva, o duque de Caxias, alcunhado O Pacificador, foi um dos mais importantes militares e estadistas da história do Império do Brasil.

<sup>clxxx</sup> Uma das microrregiões do estado brasileiro do Maranhão pertencente à mesorregião Oeste Maranhense.

**Texto transcrito e anotado pela acadêmica Sintia da Motta, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação da professora Marcia Andrea dos Santos e do professor Ulisses Infante. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.**

**Este trabalho integra o projeto “Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal”. Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.**

**O texto original se encontra no exemplar da obra *Opúsculos históricos e literários*, p. 156 – 237, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, oferecido pela coleção Brasileira, da Universidade de São Paulo, cuja ficha completa se reproduz a seguir:**

<b>Autor:</b> Araguaia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de, 1811-1882
--

**Título:** Opusculos historicos e litterarios

**Local de Publicação:** Rio de Janeiro : Livraria de B. L. Garnier

**Ano de Publicação:** 1865

**Descrição Física:** 397 p.

**Idioma:** Português

**Direitos:** Domínio público

**Edição:** 2 ed.

**Assunto:**

História do Brasil

Literatura brasileira

Coletânea

**URI:** <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01088400>

**Tipo:** Livro

**Conteúdo:** Contém: Memória histórica da Revolução da Província do Maranhão; Os indígenas do Brasil perante a história; Discurso sobre a literatura no Brasil; Filosofia da religião; Biografia de Frei Francisco de Mont'Alverne; Porque envelhece o homem; O pavão; Amancia: novela; Ode a Dante; Hino dos bravos.

#### Referências bibliográficas:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol I. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol II. Petrópolis: Vozes, 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martins Claret, 2006.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª Ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda. 2000.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em:  
< <http://www.priberam.pt> > Acesso em Dez/2013.

DUARTE, M, de F, D. Primórdios do Nacionalismo Musical as "Ideias sobre a Música" de Manuel de Araújo Porto-Alegre. In: Nitheroy: revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02. Ana Beatriz Demarchi Barel (org.) Minerva Coimbra. 2006. p 107 a 115.

FRANCHETTI, P. Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil. In: Revista de Letras. São Paulo. Jul/dez, 2006. p. 123.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NITHEROY : revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02, Paris, 1836. Disponível em:

<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512810>>. Acesso em: SET/2012.